Dia 4 — São Moisés, Profeta

Martirológio Romano

São Moisés, legislador e profeta, no monte Nebo, na terra de Moab. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O martírio dos três santos meninos Rufino, Silvano e Vitálico, mártires, em Ancira da Galácia.

São Marcelo, mártir, em Chalon, na França, no tempo do imperador Antonino; o qual, sendo convidado a um banquete profano pelo governador Prisco, como abominasse aqueles manjares e repreendesse animosamente os convidados porque davam culto aos ídolos, por ordem do mesmo Governador, com um gênero de crueldade nunca ouvido, foi enterrado vivo até a cintura e, perseverando assim por espaço de três dias, louvando a Deus, entregou sua alma ao Criador.

Os santos mártires Magno, Casto e Máximo, no mesmo dia. (Salazar crê, com algum fundamento, que foram discípulos do apóstolo São Tiago, o Maior, e que pregaram o Evangelho na Andaluzia. Dextro tem por indubitável que morreram na Espanha, mártires da fé, pelos anos de 66, depois de haver fundado algumas igrejas com sua pregação e milagres.)

São Marcelo, bispo e mártir, em Trier.

Os santos Tâmeto, que havia sido sacerdote dos ídolos, e seus companheiros, mártires, no tempo do imperador Adriano, no mesmo dia. Os santos mártires Teodoro, Oceano, Amiano e Juliano, os quais, no tempo do imperador Maximiano, depois de lhes haverem cortado os pés, lançados ao fogo, consumaram o martírio.

São Marino, diácono, em Rímini. (Supõe-se que primeiramente foi pedreiro e que trabalhou nas muralhas de Rímini, que se crê ter sido sua pátria. Sua santidade foi tão eminente que, chegando à notícia de São Gaudêncio, bispo de Bréscia, conferiu-lhe o diaconato para facilitar-lhe que pudesse batizar solenemente os que catequizava. Tendo-se retirado o Santo a uma cabana que construiu a dez milhas de Rímini, acudiu tal número de gentes a viver sob sua direção que se formou a tão conhecida república que ainda subsiste hoje com o nome de São Marino. Reduz-se a uma cidade e três castelos, mas é independente e tem durado mais que as de Roma e da Grécia. Morreu o Santo em fins do século IV.)

A gloriosa morte de Santa Rosália, virgem, chamada a Palermitana, descendente do sangue real de Carlos Magno, em Palermo; a qual, por amor de Jesus Cristo, fugindo do principado de seu pai e da corte, solitária nos montes e nas grutas, viveu uma vida celestial. (Veja-se sua vida entre as de

hoje.)

A feliz morte de Santa Cândida, em Nápoles, na Campânia; foi a primeira que se apresentou para ser batizada ao apóstolo São Pedro quando chegou a esta cidade, e morreu santamente. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santa Cândida, a Moça, esclarecida em milagres, na mesma cidade de Nápoles. (Era de ilustre berço e, ainda que esteve casada, sua vida foi pura, santa e resplandecente nas mais elevadas virtudes. Morreu na flor de sua idade, e de seu sepulcro brotou por muito tempo um azeite que curava toda classe de enfermidades.)

Santa Rosa, virgem, em Viterbo. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Moisés, Profeta

Moisés, amigo de Deus, capitão de seu povo e grande profeta, foi filho de Amram e de Jocabed, da tribo de Levi, irmão de Aarão e de Maria. Quando veio ao mundo, reinava no Egito um rei chamado Faraó, como outros muitos de seus antecessores, o qual, esquecido do bem que José havia feito àquele reino, vendo unicamente que os hebreus, filhos do mesmo José e de seus irmãos, se multiplicavam extraordinariamente e, por temer que, sendo em maior número que os egípcios, se levantariam com a terra e os fariam escravos seus, deu traça como obviar este dano, e foi mandar às parteiras que, sendo chamadas para algum parto de mulheres hebreias, se fosse menino varão o matassem como melhor pudessem e, se fêmea, a guardassem.[^1] A esta sazão nasceu Moisés e seus pais, enfeitiçados da extraordinária beleza do menino e sabedores por luz sobrenatural de que estava destinado a coisas grandes, não obstante a severidade dos editos do Rei, resolveram conservá-lo e o tiveram oculto três meses. Mas, entendendo que não podiam ocultá-lo por mais tempo, colocaram-no numa cestinha de juncos calafetada com betume e pez, e o expuseram num caniçal da margem do Nilo; e pôs-se Maria, irmã sua, a observar de longe o fim do caso.

Aconteceu que, dali a pouco, veio uma filha do rei Faraó para lavar-se no rio, acompanhada de suas donzelas, a qual, segundo Fílon, era casada e desejava ter filhos, e se chamava Termutis: vê a cestinha, manda tirá-la, abre-a com ânsia e, ao ver dentro um terno menino que chorava, compadecida dele, diz: «Dos meninos dos hebreus é este.» E, não podendo seu coração deixar que perecesse aquele formoso infante, e aproximando-se então a irmã do menino: «Queres, disse-lhe, que vá chamar-te uma mulher que te crie esse menino?» — «Vai», respondeu a Princesa. Foi a donzela e trouxe sua mãe, a quem a filha do Rei confiou o menino, prometendo-lhe recompensar seu trabalho e solicitude. Tomou a mãe o menino e criou-o e, já crescido, entregou-o à filha de Faraó, que o adotou por filho e lhe deu o nome de Moisés, que significa *Das águas o tirei*. Educou-se, pois, o menino no palácio do Rei e aprendeu todas as ciências dos egípcios. Assim fez Deus que o mesmo Faraó preparasse um vingador aos israelitas, a quem este Príncipe oprimia.

Cumpridos os quarenta anos de sua idade, conheceu Moisés que estava designado por Deus para ser o libertador de seu povo; visitou seus irmãos em Gessen, onde era sua habitação, e viu que

ainda gemiam sob o jugo da tirania. E, observando que um egípcio maltratava certo israelita, tomou a defesa deste e o matou,[^2] enterrando secretamente seu corpo na areia. Com esta ação atrevida quis dar a entender a seus irmãos que sua mão era o instrumento com que Deus os livraria da opressão; mas eles não o compreenderam.

No dia seguinte viu brigar dois hebreus e repreendeu o que se desmandava contra seu irmão, dizendo-lhe: «Por que dás golpes em teu próximo?» Respondeu o agressor: «Quem te constituiu príncipe e juiz entre nós? Queres porventura matar-me como mataste ontem o egípcio?» Temeu Moisés ao ouvir em público a morte que havia feito em segredo e, entendendo que, se chegasse aos ouvidos do Rei, mandaria matá-lo, ocultou-se fugindo à terra de Madiã e pôs-se ao serviço de Jetro, ou Raguel, sacerdote daquele país,[^3] que mais adiante o casou com uma de suas filhas, chamada Séfora. Teve dela dois filhos, Gérson e Eliézer.

Chegou, por fim, o tempo assinalado pela divina Providência para a liberdade de seu povo. Morto o Rei do Egito, cuja ira havia temido Moisés, a sorte de Israel, que seguia gemendo sob o pesado jugo que o agobiava, não melhorou sob o domínio de seu sucessor; mas Deus, que escutava os ais de seu povo cruelmente afligido, determinou, por fim, livrá-lo da tirania dos egípcios. Moisés, entretanto, pastoreava as ovelhas de seu sogro Jetro; e, havendo um dia conduzido seu gado ao coração do deserto, até o cume de Horeb, apareceu-lhe o Senhor numa chama de fogo no meio de uma sarça ou espinheiro. Vendo o Pastor que a sarça ardia e não se queimava, aproximava-se para contemplar aquela maravilha, quando Deus o deteve, mandando-lhe que se descalçasse por respeito, segundo o costume daquele tempo, e lhe disse: «Santa é a terra que pisas: eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó: vi a aflição de meu povo no Egito e ouvi seu clamor pela dureza dos que lhes mandam: quero enviar-te a Faraó para que tires os filhos de Israel do Egito.» Moisés respondeu: «Quem sou eu para ir a Faraó e tirar os filhos de Israel do Egito?» Prosseguiu Deus com Moisés e disse-lhe: «Vai e junta os anciãos de Israel, e lhes dirás como os quero tirar do cativeiro em que estão; e entra com eles ao Rei do Egito e lhe dirás: O Senhor, Deus dos hebreus, nos chamou, e temos de ir ao deserto caminho de três jornadas para oferecer-lhe sacrifício.» Respondeu Moisés: «Senhor, não me crerão.» — «Deixa cair em terra, disse Deus, a vara que tens na mão.» Deixou-a cair Moisés, e tornou-se serpente, da qual Moisés fugiu. «Toma-a pela cauda», disse-lhe Deus. Tomou-a e ficou convertida em vara. E Deus disse de novo a Moisés: «Mete tua mão em teu seio.» Fê-lo Moisés e tirou-a cheia de lepra. Mandou-lhe Deus fazer o mesmo outra vez, e tirou sua mão sã. «Se não lhe crerem, acrescentou Deus a Moisés, pelo primeiro sinal, farás o segundo; e se ao segundo não derem crédito, toma água do rio e derrama-a sobre a terra, e a que tirares do rio converter-se-á em sangue.» Replicou ainda Moisés, dizendo: «Perdoai, Senhor, eu não sei falar, sou gago, e depois que falastes a vosso servo ainda me acho mais pesado de língua.» Disse-lhe Deus: «Quem fez a boca do homem? Ou quem formou o mudo e o surdo, o que vê e o cego? Não sou eu? Pois anda, eu estarei em tua boca e te ensinarei a falar.» Tornou Moisés a dizer: «Rogo-vos, Senhor,[^4] que envieis o que haveis de enviar.» Irado[^5] o Senhor contra Moisés, disse: «Aarão, teu irmão, o levita, é eloquente, e ele sairá ao caminho e se alegrará em ver-te: dize-lhe tu o que eu te disse; e eu estarei em tua boca e na boca dele e vos mostrarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo e será tua boca (ou intérprete); mas tu serás para ele nas coisas que pertencem a Deus. Toma também a vara, com a qual hás de fazer prodígios.»

Obedeceu Moisés, falou com seu sogro, dizendo que lhe convinha ir ao Egito, e deu-lhe licença. Estando no caminho com sua mulher e filhos, o Anjo do Senhor saiu-lhe ao encontro na estalagem e queria matá-lo. Santo Agostinho diz que a Escritura não declara a quem o Anjo quis matar, se a Moisés ou a seu filho Eliézer; se a este, porque não estava circuncidado; ou a Moisés, pelo descuido que havia tido em fazê-lo circuncidar. Sabida a causa, Séfora, sua mãe, circuncidou Eliézer, devendo Moisés de haver mandado que o fizesse, pelo que ela o chamou *Esposo de sangue*, por causa do que viu derramar a seu filho; e, como também sente Santo Agostinho, voltou à casa de seu pai, onde esteve algum tempo. Santo Epifânio diz que desde que Moisés recebeu o dom de profecia guardou castidade, e assim a Escritura não faz menção de que tivesse mais filhos que os já citados.

Moisés prosseguiu seu caminho, e seu irmão Aarão saiu a recebê-lo e deu-lhe o ósculo de paz. Moisés tratou com ele o que Deus lhe havia dito, e os dois falaram aos anciãos dos filhos de Israel, fazendo Moisés em sua presença os prodígios que trazia de comissão. Deram-lhe crédito os hebreus e adoraram a Deus porque se havia lembrado de seus trabalhos.

Moisés e Aarão foram logo pedir ao Rei do Egito, da parte do Senhor, Deus de Israel, que deixasse partir seu povo para oferecer-lhe sacrifício no deserto. A esta sazão era Moisés de oitenta anos e Aarão de oitenta e três; e por isso São João Crisóstomo disse que Moisés esteve quarenta anos na terra de Madiã, porque, quando matou o egípcio e saiu da terra do Egito, era da idade de quarenta. O rei Faraó respondeu: «Quem é o Senhor para que eu obedeça à sua voz e deixe ir Israel? Não conheço o Senhor, nem deixarei ir Israel.» E, irado, mandou a seus exatores que apertassem os hebreus em suas obras, tirando-lhes a ajuda de custo que lhes davam de palha, em que fundavam os tijolos ou os cozinhavam, e apertando-os a que dessem igual número de tijolos como o costumavam fazer antes, quando se lhes dava a palha. Os trabalhadores sentiram muito esta injustiça, e os que entre eles tinham autoridade foram queixar-se ao Rei. Respondeu-lhes Faraó que, por estarem ociosos, davam traças de fazer aquela ida ao deserto, que era bom não estivessem ociosos, mas que trabalhassem. Ouvindo os israelitas esta desabrida resposta e vendo que aquele primeiro passo só havia servido para agravar mais seu jugo, queixavam-se de Moisés, dizendo que havia dado espada a Faraó com que os matasse. Moisés falou com Deus, pedindo-lhe que remediasse este dano. Mandou-lhe o Senhor que, juntamente com seu irmão, voltasse ao rei Faraó e fizessem prodígios em sua presença para convencê-lo de que lhe falavam da parte dele, e eles obedeceram.

Fez Moisés o primeiro prodígio da vara de Aarão convertida em serpente, deixando-a da mão em terra, e, ainda que isto causou admiração e o Rei teve em mais os mensageiros por parte de quem vinham, mas, sendo chamados os magos, favorecidos estes do demônio, eles também lançaram cada um suas varas, que se converteram em serpentes; ainda que a de Aarão engoliu todas elas e, levantada por Aarão, ficou vara como de primeiro, e o Rei em sua dureza de não querer deixar sair Israel como lhe era pedido. Mandou Deus a Moisés que Aarão com sua vara ferisse as águas e, ferindo-as, foram convertidas em sangue, e os peixes que havia no rio morreram. Os feiticeiros fizeram o mesmo em outra água, pelo que Faraó não se moveu a fazer o que o Senhor lhe mandava. Os egípcios cavaram perto do rio e fizeram fontes de que beberam, e Deus mandou a Moisés que tornasse a Faraó com sua demanda e que, se não obedecesse, Aarão tocasse outra vez as águas com sua vara, e toda a terra ficaria cheia de rãs. Pelo que, como Faraó não obedeceu ao

Senhor, Moisés tocou as águas, e as rãs cobriram toda a terra do Egito. Mas os feiticeiros, por seus encantamentos, fizeram sair também rãs. Faraó chamou Moisés e disse-lhe que tirasse aquela praga de rãs e daria licença ao povo para que fosse sacrificar. Fez Moisés o que o Rei pediu, o qual não cumpriu sua palavra. Mandou Deus a Moisés que Aarão ferisse com a vara o pó da terra: fizeram-no assim, e saíram inumeráveis *cínifes* ou mosquitos pungitivos. Os magos provaram a fazer o mesmo e não puderam, pelo que confessaram que aquela praga era dedo de Deus.

É de notar aqui que o demônio, por dar-lhe Deus licença, ajuda os feiticeiros, aproveitando-se de virtudes de ervas e pedras, para tornar em sangue as águas e para produzir rãs, e não pôde, contudo, fazer mosquitos, que é coisa menor, para que entendamos que, faltando semelhante licença, nem pouco nem muito pode. Também é digno de considerar que, para castigar Deus a soberba de Faraó, aproveitou-se não de Anjos nem de homens valentes, mas de rãs e mosquitos.

Não se moveu tampouco o Rei com esta terceira praga. Mandou Deus vir multidão de moscas, tavões e todo linhagem de bichos semelhantes à terra onde estavam os egípcios, com dano seu notável, sem que os houvesse em terra de Gessen, onde estavam os hebreus. E nem com esta quarta praga se emendou, ainda que dava licença de que, sem sair do Egito, fizessem o sacrifício a Deus como diziam; mas Moisés não o aceitou, senão que haviam de ir aonde Deus lhes mandasse; e assim veio a quinta praga, que foi pestilência sobre os gados e bestas do Egito, sem que este dano alcançasse os animais e gados dos hebreus. Não se emendou Faraó com esta praga; sucedeu a sexta, e foi que mandou Deus a Moisés que levantasse as mãos cheias de cinza de um forno e a espalhasse para o céu diante de Faraó, e logo sobrevieram úlceras de tumores apostemados em homens e animais egípcios; e diz Josefo que morriam muitos deles como haviam morrido antes das picadas das moscas, ainda que não bastou para que o Rei deixasse sua dureza e obstinação.

Em todas estas pragas é de considerar a grande benignidade e paciência de Deus, pois, sabendo que Faraó por pura malícia não se havia de emendar, não deixou de admoestá-lo uma e muitas vezes, para que conste que Deus a ninguém falta e que o não converterem-se os maus nem emendar a vida é por sua maldade e liberdade, que poderiam aproveitar-se dos grandes remédios que Deus lhes dá, e não querem.

Enviou Deus a sétima praga, que foi granizo, trovões e relâmpagos, e, para que entendesse o Rei (e o mesmo entenda de si todo pecador obstinado) que, ainda que merecia ser castigado com todo o rigor, Deus usava e usa de misericórdia no castigo, avisou-o um dia antes da tempestade, para que não deixasse no campo alguns gados que lhe haviam ficado da pestilência passada, para que o granizo não os matasse. Na terra de Gessen, onde moravam os filhos de Israel, não caiu granizo. Pareceu enternecer-se o Rei com esta praga, chamou Moisés, confessou que havia pecado em resistir à vontade de Deus, dizendo-lhe: «O Senhor é justo; eu e meu povo somos uns ímpios»; e pediu-lhe que cessasse a tormenta. Cessou, e ficou tão duro como de primeiro. A oitava praga foi de gafanhotos, em tão espantosa multidão que cobriram toda a face da terra, talando tudo; de maneira que foi devorada toda a erva e todos os frutos das árvores que havia perdoado o granizo, e não ficou absolutamente coisa verde em todo o Egito. Antes que isto sucedesse, Moisés deu disso aviso ao Rei diante dos magnatas de sua corte, os quais lhe rogaram que fizesse o que por Moisés lhe era pedido, antes que o Egito fosse destruído. O Rei consentiu em que fossem fazer o sacrifício que diziam, contanto que deixassem seus filhos em seu poder. Moisés respondeu que

todos, sem exceção, haviam de sair do Egito. E, porque a praga dos gafanhotos veio e foi grande o dano que fizeram, considerado pelo Rei, deu licença de que fossem pais e filhos, contanto que ficassem em seu poder seus gados.

Isto mesmo faz o demônio quando vê que escapa de seu poder alguém a quem tem tido cativo; quando não pode outra coisa, dá-lhe lugar, mas procura que fique em seu poder alguma coisa, como filhos ou ovelhas, isto é, ocasiões com que a emenda do pecado seja breve e logo se torne a prosseguir. E era certo que, se os hebreus deixassem no Egito o que Faraó pedia, voltariam ao cativeiro em que estavam, pois só a memória das comidas daquela terra, e não de muito preço, os pôs em ponto de fazê-lo; e por isso perseverou Moisés em que nada que fosse dos hebreus havia de ficar no Egito.

Havendo cessado a praga do gafanhoto, endureceu-se outra vez o coração do Rei, e ainda não deixou partir Israel. Então mandou Deus a Moisés que levantasse as mãos ao céu e cobrisse de trevas o Egito, e foram tão densas e escuras que, enquanto duraram, ninguém viu a outro nem ousavam mover-se de onde estavam. Mas o sol resplandecia entre os hebreus. Faraó mandou chamar Moisés e Aarão e disse-lhes que fossem todos aonde quisessem, à exceção de seus gados, que ficariam no Egito por reféns de sua volta. Moisés respondeu que nem um casco havia de ficar dos gados dos hebreus, e Faraó mandou-lhe, sob pena de morte, que não ousasse comparecer outra vez em sua presença. Moisés aceitou a sentença, dizendo: «Assim se fará como tu disseste: não voltarei eu a ver tua face.» Falou Deus com Moisés e mandou-lhe que avisasse os hebreus, para que se apercebessem e estivessem a ponto, porque aquela noite haviam de sair do Egito, e disse: «Dirás, pois, a todo o povo que cada um peça a seu amigo, e cada mulher a sua vizinha, alfaias de prata e ouro; as quais, acrescentou, eles vos emprestarão, porque eu os inclinarei a que o façam, e enviarei a última praga, que será matar todos os primogênitos do Egito, desde o filho do Rei até o da escrava, e o mesmo nas bestas e jumentos que ficaram livres das pragas passadas.»

Disse também Deus a Moisés: «Este mês será para vós o princípio dos meses, será o primeiro entre os meses do ano.[^6] No dia dez deste mês tomai para cada família um cordeiro de um ano, macho e sem mancha; imolá-lo-eis no dia catorze, à tarde, e com seu sangue borrifareis os dois umbrais e o dintel de vossas portas. Naquela noite comereis em uma mesma casa a carne do cordeiro assada ao fogo, sem deixar nem tirar nada fora dela, e sem quebrar nenhum de seus ossos. Comê-lo-eis com pães ázimos, ou sem fermento, e com alfaces amargas, e isto o fareis com os lombos cingidos, com o calçado posto e um bordão na mão, como viajantes: porque é a Páscoa ou a passagem do Senhor. Porque eu passarei aquela noite pela terra do Egito e ferirei de morte todo primogênito na dita terra, desde o homem até a besta: e em todos os deuses do Egito farei castigos,[^7] eu, o Senhor.» Os filhos de Israel cumpriram este mandato de Deus, e à meia-noite o Anjo do Senhor feriu de morte todos os primogênitos do Egito, de homens e animais, salvando-se unicamente as casas cujas portas estavam assinaladas com o sangue do cordeiro. Levantaram-se à meia-noite, com precipitação e espanto, Faraó e todos os egípcios, e por onde quer que fosse retumbavam os lúgubres gemidos da dor, pois não havia casa onde não houvesse um morto.

Ao momento mandou o Rei chamar Moisés e Aarão para dizer-lhes que, sem perda de tempo, fizessem sair do Egito os israelitas, os quais partiram em número de seiscentos mil combatentes, levando consigo os ossos de José, em cumprimento da última vontade deste santo Patriarca. Para

perpetuar a lembrança de tão grande benefício, mandou Moisés ao povo israelítico que todos os anos celebrasse no mesmo mês a memória de sua saída do Egito, imolando um cordeiro no dia catorze, à tarde, e comendo pães ázimos ou sem fermento por espaço de sete dias.

Na imolação do cordeiro pascal, intimada aos israelitas antes de sua saída do Egito, descobre-se facilmente uma imagem do sacrifício de nosso Salvador. Jesus Cristo é, segundo São Pedro, o Cordeiro sem mancha; São Paulo diz que por fé celebrou Moisés a Páscoa e fez a aspersão do sangue do cordeiro, a fim de que não tocasse os israelitas o Anjo que sepultava os primogênitos em sombras de morte. Jesus Cristo entrou em Jerusalém no décimo dia do mês primeiro, em que devia ser preparado o cordeiro para a Páscoa, e foi imolado no dia catorze, na hora mesma em que os hebreus imolavam o cordeiro pascal. Seu sangue foi derramado, mas não se lhe quebrou osso algum, porque, ao ver que estava morto, não lhe quebraram as pernas, a fim de que se cumprisse, como diz São João, esta palavra da Escritura: «Não quebrareis nenhum osso seu.»

Depois de algumas jornadas, os israelitas chegaram ao deserto que está à beira do mar Vermelho: guiava-os o Anjo do Senhor, indo diante deles numa coluna de nuvem, de dia, para assinalar-lhes o caminho, e de noite numa coluna de fogo, para alumiá-los. Mas Faraó, arrependendo-se bem depressa de havê-los deixado sair, pôs em movimento seus carros de guerra, reuniu suas tropas e lançou-se a perseguir os israelitas, dando-lhes alcance perto do mar Vermelho. Viam-se os israelitas estreitados por todas as partes: pela frente fechava-lhes o passo o mar e, atrás deles, trazia a morte o exército egípcio. Muito medrosos disseram então a Moisés: «Acaso não havia sepulcros no Egito, e por isso nos trouxeste para que morrêssemos no deserto? Que quiseste fazer em tirar-nos do Egito? Muito melhor nos era servir aos egípcios que morrer no deserto.» Moisés, cheio de confiança no Senhor, disse-lhes: «Não temais, esperai com quietude e vereis as maravilhas que o Senhor vai obrar em favor vosso. O Senhor pelejará por vós, e vós calareis.» Disse, e a coluna de nuvem que estava à frente do povo passou a situar-se entre seu acampamento e os arraiais egípcios. Esta nuvem era luminosa para aqueles e, para estes, sombria à maneira de noite densa, que lhes impedia prosseguir a marcha.

Havendo Moisés naquele ato estendido a mão sobre o mar, o mar se abriu, seu leito converteu-se em seco e o povo escolhido o passou a pé enxuto, vendo à direita e à esquerda os altíssimos montes que, à semelhança de muros, havia formado a água. Os egípcios, vendo aberto o caminho pelo meio do mar, precipitam-se nele em perseguição dos hebreus; mas, antes de raiar a alva, e chegado já Israel à margem oposta, rompe o Senhor os carros dos egípcios e derrota seu exército. Sobressaltados de espanto, dizem uns aos outros: «Fujamos de Israel, porque o Senhor peleja em favor seu contra nós.» E principiam a retirada com pavorosa precipitação. Manda Deus a Moisés estender a mão sobre o mar, e as águas se juntam ao instante e, ao desabar, caem sobre todas as hostes de Faraó: em vão luta o egípcio contra o ímpeto da água para pôr-se a salvo; o mar enfurecido o redemoinha, e Faraó e quantos com ele haviam entrado ficaram submersos, sem que nem um só homem se livrasse para levar ao Egito a fatal notícia de tão terrível ruína. À vista desta maravilha, os hebreus louvaram o Senhor, e Moisés compôs um cântico em ação de graças que cantou com os demais israelitas, o qual ficou por memória deste sucesso na Igreja católica. A história eclesiástica diz que o ir dos hebreus durou sete dias, os varões por si e as mulheres por si, à língua da água, cantando o cântico composto por Moisés, porque todo este tempo estiveram na margem, muito alegres e contentes de ver-se livres do cativeiro em que haviam estado.

Passados os sete dias, os israelitas caminharam e chegaram ao deserto de Sin; mas, a pouco de haver-se internado nele, faltaram as provisões, e a fome se assenhoreou de todos eles; e principiaram as murmurações do povo contra Moisés e Aarão: «Por que não ficamos no Egito?, diziam. Ali tínhamos abundância de pão e de carne. Por que nos trouxestes a este deserto em que morremos de fome?» Moisés recorreu a Deus, que lhe fez ouvir sua palavra e lhe mandou dizer ao povo: «Eu vos choverei pães do céu. Saia o povo pela manhã e recolha cada um quanto bastar para aquele dia; mas no sexto dia recolham o dobro do que costumavam recolher, para que assim possam santificar o dia sétimo, isto é, o sábado.» E, como Aarão falasse ao povo por ordem de Moisés, dizendo: «Chegai-vos diante do Senhor, porque ouviu vosso murmúrio», eis que apareceu a glória do Senhor na nuvem, e disse o Senhor a Moisés: «Ouvi as murmurações de Israel; diz-lhes: Esta tarde comereis carnes e pela manhã vos fartareis de pães, e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus.» Com efeito, chegou a tarde e, vindo codornizes, cobriram o acampamento; e pela manhã achou-se a terra coberta de uns grãos como de orvalho congelado, ou como grãos de trigo tirada a casca: Moisés disse então ao povo: «Este é o pão que Deus vos deu para comer: recolha dele cada um quanto baste para seu sustento.» E com este manjar sustentou Deus seu povo por todo o tempo que andaram pelo deserto desde que saíram do Egito até entrar na terra de promissão, que foram quarenta anos. Tão longa duração num prodígio que se renovava todos os dias afasta toda suspeita de impostura ou de ilusão. Deu-se-lhe o nome de *Maná*, que quer dizer: *Que é isto?*[^8] Colhiam-no os israelitas todos os dias pela manhã, porque, esquentando o sol a terra, derretia-se, e o que se dava mais pressa a colher dele não levava mais quantidade que o que colhia menos. Se o guardavam de um dia para outro, achavam-no cheio de vermes. Às sextas-feiras colhiam para aquele dia e para o sábado, em que não caía. Moíam-no num moinho e machucavam-no com um almofariz, e logo o punham a cozer, e então tomava o gosto do pão da farinha mais pura amassado com azeite e com mel.

A Escritura, que ao maná chama pão do céu e alimento dos Anjos, claramente nos insinua que este pão milagroso encerra um grande mistério; o mesmo Jesus Cristo no-lo descobre, ensinando-nos que ele na Eucaristia é o pão figurado pelo maná. Diziam-lhe os judeus: «Nossos pais comeram o maná no deserto, segundo está escrito: deu-lhes a comer o pão do céu.» E ele lhes respondia: «Em verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu.» Com o que nos ensina que o maná não se chamava na Escritura pão do céu senão em atenção ao que representava, e acrescenta: «Eu sou o pão vivo que desceu do céu; quem dele comer viverá eternamente; minha carne é o pão que hei de dar-vos.» O corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo é, pois, o verdadeiro pão do céu, e o maná não era mais que sua figura.

Depois de tão multiplicados sinais da proteção de Deus, parece que os israelitas não deviam já desconfiar de sua providência, mas recorrer a ele confiadamente em todas as suas necessidades, seguros de alcançar pronto socorro; mas, chegando a um sítio em que não havia água, voltaram às suas murmurações contra Moisés, dizendo: «Dá-nos água para que bebamos; por que nos fizeste sair do Egito, para matar-nos de sede, e a nossos filhos e às bestas?» Clamou Moisés ao Senhor, o qual lhe disse: «Adianta-te ao povo, tomando contigo alguns dos anciãos de Israel, leva-os à montanha de Horeb e ferirás a rocha com a vara com que feriste o rio, e brotará dela água em abundância.» Fê-lo assim Moisés, e brotou da rocha uma fonte de água cristalina, que satisfez a sede dos homens e dos animais. E Moisés chamou àquele lugar *Tentação*, porque os filhos de Israel duvidaram se o Senhor estava no meio deles.[^9]

Difundida a fama dos hebreus pelos povos circunvizinhos, alarmaram-se estes, temerosos de seu engrandecimento, e dispuseram-se a fazer-lhes guerra. Adiantaram-se a acometê-los os amalecitas, que descendiam de Esaú: Moisés enviou contra eles Josué, da tribo de Efraim, que lhes apresentou batalha; travado o combate, Moisés implorou o auxílio divino com suas orações: enquanto, para orar, tinha as mãos erguidas em forma de cruz, venciam os israelitas, mas, se um pouco as baixava, inclinava-se a Amalec a vitória. Observaram-no Aarão e Hur, seu cunhado, e, vendo que lhe faltavam já as forças para ter as mãos levantadas, sustentaram-nas por uma e outra parte, até que se pôs o sol e Josué teve inteiramente derrotado o inimigo.

Excelente lição é esta, diz o Pe. Scio (nota ao Êxodo, v. 11, cap. 17), para os que frequentam a oração. Deus muitas vezes previne nossos votos e adianta-se a conceder-nos o que desejamos, ainda antes que abramos a boca para pedir-lho: outras vezes se nos oculta, para que se redobre em nós o desejo de possuí-lo e porque somos tais que desprezamos frequentemente o que logramos com facilidade e não estimamos senão o que conseguimos à custa de suores. É difícil que nosso espírito conserve longo tempo a atenção que pede a oração; e por isso necessita de apoios que a sustenham, como Hur e Aarão sustentaram as mãos de Moisés. O desejo de vencer, o temor de ser vencido, a esperança de uma nova graça, o reconhecimento de outra já recebida são os apoios que a sustentam e impedem de cair em desfalecimento. Vençamos também, diz Santo Agostinho (liv. 4 *De Trin.*, cap. 15), por meio da cruz do Senhor, que era figurada nos braços estendidos de Moisés, a Amalec, isto é, ao diabo, que, enfurecido, sai ao caminho e se nos opõe negando-nos o passo para a terra de promissão. E no livro das 50 Homilias, Homilia 27, etc.: se se cansam tuas mãos de bem obrar, levará a vantagem Amalec, isto é, o demônio.

Havendo-lho Deus ordenado, ergueu Moisés um altar depois da vitória, ofereceu nele sacrifícios em ação de graças e deu a este altar um nome que significa: *O Senhor é meu glorioso estandarte*; a fim de que este nome recordasse aos israelitas que a Deus só deviam a vitória alcançada sobre seus inimigos.

Depois desta vitória, chegou aos ouvidos de Jetro, sacerdote de Madiã e sogro de Moisés, como este havia tirado seu povo do cativeiro do Egito e que vinha capitaneando-o. Foi vê-lo, levando-lhe Séfora, sua mulher, com seus dois filhos, recebendo Moisés a todos com muito contentamento. E, porque Jetro viu que todo o dia se ia a Moisés em averiguar pleitos e diferenças dos hebreus, aconselhou-lhe que elegesse alguns varões prudentes de quem se fiasse, os quais o ajudassem neste ministério e que só acudissem a ele nos casos mais dificultosos; e assim o fez Moisés, o que lhe foi de grande alívio no cargo que tinha. Com isto, Jetro o deixou com sua mulher e filhos, e ele voltou à sua terra.

As verdades que Deus ensinou a Adão, e cujo conhecimento havia passado por tradição de pais a filhos, principiaram a alterar-se, e de temer era que bem depressa se apagassem da memória dos homens; e assim, para conservá-las, resolveu o Altíssimo dá-las por escrito, mandando a Moisés que dissesse de sua parte aos filhos de Israel: «Vistes o modo com que vos tirei do Egito e como vos escolhi por meu povo. Se ouvirdes, pois, minha voz e guardardes meu pacto, sereis para mim um povo amado e sereis uma nação santa.» O Senhor acrescentou: «Faze que todos se purifiquem entre hoje e amanhã e que estejam preparados para o terceiro dia, no qual descerei à vista de todo o povo sobre o monte Sinai. Assinalarás limites ao povo ao redor e proibirás transpô-los.»

Ao amanhecer do dia terceiro, principiam a ouvir-se trovões e a luzir relâmpagos: cobre uma densa nuvem a montanha, ressoa uma buzina com espantoso estrondo e atemoriza-se o povo que está no acampamento; e em meio ao fogo fala o Senhor e publica os dez mandamentos de sua Lei, a que se deu o nome de Decálogo,[^10] dos quais os três primeiros ensinam os deveres do homem para com Deus e os outros sete suas obrigações para com o próximo, encerrando-se neles os princípios da lei natural. Acaba de falar o Senhor, e retumba de novo o estampido dos trovões e o som das trombetas. Via todo o povo os relâmpagos e o som da buzina e o monte fumegando e, em meio a seu pavor, disse a Moisés: «Fala-nos tu, e ouviremos; não nos fale o Senhor, não seja que morramos.» E respondeu Moisés ao povo: «Não temais, porque Deus veio fazer prova de vós e para que seu terror esteja em vós e não pequeis.»

Enquanto o povo aterrado permanecia muito longe do monte, aproxima-se Moisés do lugar em que Deus estava. Deu-lhe o Senhor várias leis para os filhos de Israel e acrescentou: «Eu enviarei meu Anjo para que vá diante de vós e vos guarde no caminho e vos introduza no país que vos tenho preparado. Porei em vossas mãos os cananeus e farei que à vossa presença voltem as costas todos vossos inimigos.» Moisés referiu ao povo as palavras e ordens do Senhor, e todo o povo respondeu a uma voz: «Faremos tudo quanto falou o Senhor.» Então escreveu Moisés todas as palavras do Senhor e, levantando-se muito de manhã, edificou um altar ao pé do monte, de doze pedras, que representavam as doze tribos; e, como era costume selar os tratados com sangue de vítimas, ofereceram holocaustos e sacrificaram bezerros, vítimas pacíficas ao Senhor, de cujo sangue tomou a metade e a lançou em taças, e a parte restante a derramou sobre o altar. E, tomando logo o livro em que estava escrita a aliança, leu-o ouvindo-o o povo, que respondeu: «Tudo o que falou o Senhor faremos, e seremos obedientes.» Moisés fez então com o sangue uma aspersão sobre o povo, dizendo: «Este é o sangue da aliança que concertou o Senhor convosco.»

Com esta augusta cerimônia confirmava Moisés, em qualidade de mediador, a aliança que o Senhor contraiu naquele dia com os filhos de Israel, aceitava seus compromissos e recebia seus protestos de obediência. Esta cerimônia, porém, não foi senão figura da que depois de quinze séculos confirmaria a nova aliança do Senhor com todos os homens; aliança cujo mediador devia ser Jesus Cristo, que com seu próprio sangue a estabeleceria, não precisamente com a família de Jacó, mas com todo o gênero humano, que tirou, não da opressão do Egito, mas da tirania da morte, do pecado e do demônio.

Em seguida subiu Moisés ao monte, ao qual cobriu logo uma nuvem; e a glória do Senhor manifestou-se no cume do Sinai, cobrindo-o com a nuvem por seis dias; e ao sétimo chamou Deus Moisés do meio da nuvem escura. Havendo entrado Moisés no meio daquela névoa, subiu ao cume do monte, onde esteve quarenta dias e quarenta noites sem comer nem beber: entretanto, Deus lhe dava suas ordens para a construção de um tabernáculo e de quanto devia acompanhá-lo; assinalou-lhe as medidas e fê-lo ver o modelo: prescreveu-lhe assim mesmo a forma da veste dos sacrificadores, as cerimônias de sua consagração e quanto pertencia ao culto divino: deu-lhe por último as duas tábuas do testemunho, ou do Decálogo, que eram de pedra, escritas com seu dedo.[^11]

Vendo o povo que seu caudilho Moisés tardava em descer do monte, levantando-se contra Aarão, disse-lhe: «Eia, faze-nos deuses que nos guiem, já que não sabemos o que foi feito de Moisés,

desse homem que nos tirou da terra do Egito.» Aarão teve a fraqueza de ceder a suas sediciosas instâncias e de fabricar-lhes um bezerro de ouro. Então o Senhor disse a Moisés: «Desce do monte, porque o povo acaba de desviar-se do caminho que lhe ensinaste: formou um bezerro de ouro e o adorou como se fosse seu Deus.» Moisés rogava ao Senhor que perdoasse àquele povo a quem com tantos milagres havia libertado. O Senhor se deixou aplacar; mas era necessário um exemplar de severidade e de justiça. Desce Moisés do monte, levando em sua mão as duas tábuas da Lei, chega perto do acampamento, vê o bezerro de ouro e o povo bailando ao redor dele e, arrebatado de santa indignação, arroja as tábuas da Lei e as quebra ao pé do monte e, acometendo o bezerro, lança-o ao fogo e o reduz depois a pó, que espalha em água, e o faz beber ao povo para que nem vestígio fique de tão horrenda abominação. Mas não se contentou com isto Moisés; antes, juntando-se-lhe muitos da tribo de Levi, cuja maior parte ou não consentiram na idolatria, ou, se consentiram, conforme sentem alguns, arrependidos sinceramente de seu pecado, puseram-se os primeiros ao lado de Moisés; mandou-lhes que fossem pelo meio do acampamento e dessem a morte a todos os que se lhes pusessem diante, não perdoando a pessoa alguma: castigo justo, se se atende a que muitíssimos dos israelitas estavam pertinazes em corrilhos fora das tendas, tratando de vingar-se de Moisés e levar adiante sua idolatria; e assim foram estes mortos, sem que se tocasse nos que já estavam em pena do que haviam feito e choravam seu pecado. De sorte que, dos obstinados e rebeldes, foram mortos como vinte e três mil homens.

Voltou Moisés ao monte e rogou a Deus que perdoasse ao povo por aquele pecado, ou que o riscasse a ele do livro da vida.[^12] Respondeu-lhe o Senhor: «Ao que pecar contra mim, a esse riscarei eu de meu livro.» Mandou-lhe Deus fazer outras duas tábuas semelhantes às que havia quebrado, e estas são as que Moisés levou ao povo e se conservaram dentro da arca.

Mandou Deus em sua lei que em todos os sacrifícios lhe oferecessem sal: pelo sal entende-se a prudência, denotando que não há coisa, por boa que seja, que dê sabor se não for feita com prudência. Mandou que se lhe sacrificassem diversos animais, exceto o asno, pelo qual se significa a necedade, e os néscios não são bons para nada. Também vedou que lhe oferecessem cavalo, leão, raposa, porco, cão, mel e galinha, porque nem os soberbos, nem os traidores de dois rostos, nem os luxuriosos, nem os iracundos, nem os regalados, nem os lisonjeiros, significados pelos animais ditos, são dignos de ser apresentados diante de sua divina Majestade. Mandou que não lhe oferecessem peixes, porque, tirando-os da água, morrem e não poderiam ser levados vivos ao templo, no qual, e não antes, quis Deus que fossem mortos os animais que lhe haviam de sacrificar: porque em todos os sacrifícios se significava que o Filho de Deus havia de ser morto para nosso remédio. Dos animais de quatro pés mandou que não lhe oferecessem senão ovelhas e bois, e o que é de seu gênero; e das aves, rola, pomba e pássaro, por muitas razões: uma, porque estes animais se mantêm de manjar limpo, o que não fazem o porco e a galinha, e significam a pureza da alma, que quer Deus que lhe ofereçamos. A segunda, porque destes animais havia mais cópia e não custavam muito. A terceira, porque os gentios honravam por Deus o bode, em cuja figura se lhes parecia o demônio, e por isso diz a Escritura que não se haviam de oferecer a Deus as abominações dos egípcios. Sobre o que diz a Glosa: bezerro oferece a Deus o que doma a soberba de sua carne; cordeiro, o que vence os apetites da sensualidade; cabrito, o que foge da lascívia; rola, o que guarda castidade; pomba, o que tem fecundidade e abundância de boas obras e simplicidade na alma.

Quando Moisés desceu do monte, resplandecia-lhe o rosto, sem sabê-lo ele, e saíam-lhe dele uns raios em alto muito resplandecentes, com duas pontas à maneira de potências ou raios de luz sobre a cabeça; de modo que Aarão e os filhos de Israel não se atreviam a aproximar-se dele, a ponto de ter que cobrir-se ele com um véu sempre que falava ao povo; no que se nos dá a entender que os que conversam com Deus e se dão à oração ficam no entendimento iluminados e na vontade inflamados, para fazer o que sabem que será agradável a Deus com mais amor e devoção, e com isto saem esforçados a pelejar e defender-se dos inimigos.

Ia Deus entretendo os israelitas no deserto alguns anos que foram por todos quarenta, como se disse, nos quais, diz a Escritura, não se lhes rompeu vestido nem calçado. Entretanto, Moisés, depois de haver reconciliado seu povo com Deus, pôs seu primeiro cuidado em recopilar todas as leis e disposições que haviam sido o assunto de suas conversações com o Senhor, a fim de que o povo as tivesse continuamente presentes; e a esta recopilação chamou-se *livro da Lei*. Logo mandou executar as ordens que havia recebido a respeito da construção do tabernáculo e de tudo o pertencente ao culto divino, e impôs a Israel uma multidão de preceitos e práticas, que agora pareceriam supérfluas, mas que eram então necessárias para separar o povo escolhido dos demais povos e serviam como de barreira oposta à idolatria que reinava nas nações vizinhas. Para manter o culto escolheu nas doze tribos uma delas, a de Levi, à qual o Altíssimo encarregou o cuidado das coisas sagradas, cedendo em seu favor os dízimos e oblações. Na mesma tribo de Levi escolheu Aarão para sumo Pontífice, e o sacerdócio foi declarado hereditário em sua família. Erigido já o tabernáculo, templo portátil, consagrou-o Moisés com óleo santo e do mesmo modo consagrou quanto havia de servir para o culto divino, a arca, o candelabro, a mesa de ouro, os dois altares e a bacia. Foi então que uma nuvem cobriu o tabernáculo e a majestade do Altíssimo o encheu visivelmente. A estas santas instituições juntou cerimônias majestosas, festas que renovavam a memória dos milagres com que o povo de Israel havia sido libertado e, o que nenhum outro legislador havia ousado fazer, seguranças precisas de um bom sucesso em tudo, enquanto vivessem sujeitos à Lei; e ameaças certas de que sua desobediência seria seguida de uma inevitável vingança; e o sucesso justificou muito bem que Moisés falou o que Deus ditava.

Mas, se os altares tiveram seus ministros depois de haver declarado Moisés que Deus havia escolhido Aarão e seus filhos para exercer as funções do sacerdócio, a Lei teve também seus defensores particulares, assinalando setenta varões anciãos para que fossem os mestres do povo e como governadores, aos quais, havendo-os juntado Moisés à porta do tabernáculo, falou Deus e deu-lhes o espírito que havia dado a Moisés, e eles profetizaram. Dois dos anciãos haviam ficado no acampamento, dos quais um se chamava Eldad e outro Medad: e também pousou sobre eles o Espírito, ainda que não haviam ido ao tabernáculo. E, como profetizassem no acampamento, logo Josué, filho de Num, ministro de Moisés, disse: «Senhor meu Moisés, não permitas que profetizem.» Mas ele respondeu: «Com que fim tens ciúmes por amor de mim? Prouvera a Deus que todo o povo profetizasse e a todos desse o Senhor seu espírito; assim muitos dariam a conhecer sua grandeza, e de todos seria servido como merece»: resposta digna de um ministro do Senhor que somente busca a glória daquele a quem serve. E voltou Moisés ao acampamento com todos os anciãos de Israel.

Segundo se viu, não era o povo de Israel mais inteligente nem mais sutil que os outros povos, diz Bossuet; ao contrário, era tosco e rebelde tanto ou mais que qualquer outro; assim é que em

diferentes ocasiões fez Deus alguns exemplares de severidade nos violadores da Lei, para gravar nos corações o temor de sua justiça e o respeito a seus mandamentos.

Estava mandado que continuamente houvesse fogo aceso no altar dos holocaustos, sendo incumbência dos sacerdotes conservá-lo, pondo lenha nele tarde e manhã. Deste fogo tirava-se para os incensórios, nos quais se queimavam perfumes no altar de ouro. Nadab e Abiú, filhos mais velhos de Aarão, puseram nele um fogo estranho e profano, contravindo à proibição de Deus, o qual em castigo deste crime lhes enviou um fogo oculto que os devorou por dentro sem tocar por fora seus corpos nem suas vestes, e morreram eles diante do Senhor. «Eis aqui, disse Moisés a Aarão, o cumprimento desta palavra do Senhor: Serei santificado nos que se me aproximam e glorificado diante de todo o povo.» Aarão calou. Tiraram-se para fora do acampamento os corpos de Nadab e Abiú: Moisés proibiu a Aarão que chorasse seus filhos, mandando-lhe não fazer demonstração alguma de luto, porque o motivo de sua aflição devia ser, não o que havia perdido, mas a desobediência que havia irritado o Senhor, chamando sobre si o raio de sua vingança.

Algum tempo depois da morte de Nadab e Abiú, um israelita, numa briga que com outro teve, blasfemou o santo nome de Deus; Moisés o pôs preso enquanto consultava o Senhor, o qual respondeu: «Tirai para fora do acampamento esse blasfemo: quantos hajam ouvido suas blasfêmias ponham as mãos na cabeça dele para atestar que é certo o delito de que se o acusa, e seja apedrejado por todo o povo. Assim será castigado todo o que blasfemar o nome do Senhor.»

O terceiro exemplo de severidade caiu num profanador do sábado. Foi apanhado um homem que fazia lenha com menosprezo da Lei, que proibia naquele dia ocupar-se em nenhuma obra servil: apresentaram-no a Moisés e Aarão, os quais o fizeram aprisionar, não sabendo como castigar este delito; consultaram, pois, o Senhor, que mandou que o réu fosse apedrejado por todo o povo fora do acampamento.

Não deve maravilhar-nos o rigor deste castigo: a Lei que mandava observar o sábado pertencia ao dogma fundamental da religião judaica. Violar esta Lei era uma espécie de apostasia, e era preciso impor àquele povo grosseiro e rebelde com exemplares de severa justiça para que não se apartasse da segura e saudável senda do dever.

Também Maria, irmã de Moisés, murmurou dele, favorecendo-a Aarão, seu irmão; levantou-se a murmuração por causa da Etíope, mulher de Moisés. Santo Agostinho diz que era esta Séfora, madianita, e que os madianitas se chamaram antigamente etíopes. Nicolau de Lira explica que as duas cunhadas tiveram diferenças entre si, como de ordinário sucede entre mulheres, e que Moisés favoreceu Séfora e Aarão favoreceu Maria; e assim estes dois murmuraram, dizendo que também Deus lhes havia falado a eles e, por conseguinte, não se haviam de ter em menos que Moisés. Por esta murmuração castigou Deus Maria, cobrindo-a de lepra. Não castigou com o mesmo Aarão, ou porque não teve tanta culpa como sua irmã, ou, como diz São João Crisóstomo, porque era sumo sacerdote, e os sacerdotes não devem ser castigados publicamente, ao menos se os delitos não são atrozes. Vendo Aarão sua irmã leprosa, com muita humildade rogou a Moisés que os perdoasse e rogasse a Deus por ela, o que fez Moisés, e por sua oração foi sã, ainda que esteve sete dias apartada do acampamento.

Deste castigo feito em Maria porque murmurou de seu irmão devem tomar exemplo os súditos, a não murmurar nem pôr em língua seus superiores, se não querem ser castigados com divina mão.

Havendo chegado os israelitas perto das fronteiras da terra de Canaã, mandou Deus a Moisés que enviasse exploradores à terra de promissão para que dessem conta ao povo de sua fertilidade. Escolheu Moisés para a comissão doze varões principais, um de cada tribo, aos quais mandou percorrer todo o país de Canaã e trazer alguns frutos: os exploradores tardaram quarenta dias em dar a volta àquela comarca e trouxeram dela romãs, figos de um tamanho extraordinário e um sarmento de cepa tão carregado de uvas que era preciso que entre dois o levassem num varal. Todo o povo se reuniu para ouvir a relação dos exploradores, e eles lhe mostraram os frutos da terra prometida. «Formoso sobremaneira é o país que percorremos, diziam: terra em que realmente correm arroios de mel e leite; mas as cidades estão defendidas com altos muros, e seus habitantes são de estatura gigantesca: ao lado deles nós parecemos gafanhotos: impossível é que vençamos povos tão formidáveis.» E, ainda que Caleb e Josué, que eram também dos explorados, animavam o povo, facilitando o negócio, os outros, porém, que os haviam acompanhado diziam: «De nenhum modo podemos contrastar este povo, sendo como é mais forte que nós.» Ouvido isto, todo o povo alçou o grito, e grande foi o tumulto que levantou, dizendo: «Prouvera a Deus que houvéssemos morrido no Egito; e faça o céu que pereçamos nesta solidão e não nos introduza nessa terra, onde morramos ao fio da espada e sejam levadas cativas nossas mulheres e filhos. Pois não será melhor voltar ao Egito? Nomeemos um caudilho e voltemos ao Egito.» Em vão se uniram a Moisés e Aarão os enviados Caleb e Josué, esforçando-se em reanimar o valor do povo, dizendo: «Não vos rebeleis contra o Senhor e não temais os habitantes dessa terra, pois podemos devorá-los com a facilidade com que o faminto devora um pedaço de pão: acham-se destituídos de toda defesa: o Senhor está conosco: nada temos que temer.» O povo não quis escutá-los e já se preparava para apedrejá-los, quando a glória do Senhor se manifestou a todos os filhos de Israel sobre o tabernáculo, e disse o Senhor a Moisés: «Até quando há de blasfemar de mim esse povo? Até quando permanecerá incrédulo à vista dos grandes milagres que tenho obrado em seu favor?... Por mim mesmo o juro: exceto Josué e Caleb, que me foram fiéis, não verá a terra prometida a seus pais nenhum dessa multidão de testemunhas de minhas maravilhas: todos perecerão no deserto. Mas seus filhos, longe de ser, como eles dizem, presa dos inimigos, entrarão nela em seu lugar, depois que a morte tenha talado as vidas de seus pais.» Havendo referido Moisés todas estas palavras aos filhos de Israel, o povo prorrompeu num amargo pranto: mas o que disse Deus se cumpriu.

Não se emendavam, porém, os israelitas com estes castigos que Deus fazia com eles, pois eis que Coré, Datã e Abiram se amotinam contra Moisés com outros duzentos e cinquenta homens dos filhos de Israel e dos mais ilustres da Sinagoga e, apresentando-se diante de Moisés e Aarão, intimam ao primeiro que deixe o cargo de caudilho e capitão que lhe havia dado Deus, e o sacerdócio ao segundo. Pelo que, estando em suas tendas com suas mulheres e filhos, à vista de todo o povo, vivos os tragou a terra e, juntamente com isto, desceu fogo do céu, que abrasou os duzentos e cinquenta que se haviam feito de seu bando. E, porque se queixavam de Moisés outros, dizendo que ele havia morto aquela gente, e quiseram pôr nele as mãos, ele foi ao tabernáculo, e Deus enviou fogo que abrasou catorze mil e setecentas pessoas, sem contar os que morreram na sedição de Coré.

Chegaram os israelitas a uma terra chamada Cades, no deserto de Sin, onde morreu Maria, irmã de Moisés, e foi enterrada naquele mesmo lugar. Faltou água ao povo e, em vez de recorrer ao Senhor, murmuraram de Moisés e Aarão, como tinham por costume, porque os havia tirado do Egito para morrer de sede no deserto. Entraram ambos no tabernáculo e pediram a Deus com grande instância que remediasse esta necessidade. Respondeu Deus a Moisés: «Toma tua vara e reúne o povo; e tu e Aarão, teu irmão, falai à rocha na presença de toda a gente, e sairá dela água para saciar sua sede.» Fê-lo assim Moisés, feriu a rocha com a vara e, porque não saiu logo a água, desconfiou e pôs dúvida no que Deus lhe havia dito, ainda que, ferindo-a a segunda vez, saiu água em abundância. Chamou-se esta água *de contradição*, porque os filhos de Israel haviam murmurado neste lugar contra o Senhor, o qual disse a Moisés: «Já que não me crestes para santificar-me diante dos filhos de Israel, não introduzireis estes povos na terra que lhes darei.» Não pode duvidar-se de que Moisés e Aarão faltaram nesta ocasião contra o Senhor, o qual se ofende em grande maneira de que se desconfie de sua bondade, especialmente quando se têm recebido particulares benefícios.

Aproximava-se o tempo em que Deus queria pôr os israelitas em posse da terra prometida. Sendo o caminho mais curto para chegar a ela atravessar a Iduméia, cujos habitantes descendiam de Esaú, enviou Moisés embaixadores ao rei da Iduméia para pedir-lhe passagem por seu território, com promessa de não cometer a menor desordem e de pagar religiosamente quanto ali tomassem; mas este Rei, longe de aceder a seu pedido, marchou contra eles com numeroso exército. Viram-se, pois, na precisão de tomar a volta da Iduméia para o Meio-dia,[^13] e chegaram ao monte Hor, onde o Senhor disse a Moisés: «Vá Aarão incorporar-se com seus pais, porque não há de entrar na terra que dei aos filhos de Israel, por haver sido incrédulo a minhas palavras lá nas águas de contradição. Toma contigo Aarão e a seu filho com ele, e os conduzirás ao monte Hor; e, depois de despir o pai de suas vestiduras, revesti-las-ás a seu filho Eleazar. Aarão morrerá naquele sítio e se reunirá a seus pais.» Moisés fez o que o Senhor mandou, subindo os três ao monte Hor na presença de todo o povo, despojando Aarão de suas vestes pontificais e revestindo com elas seu filho Eleazar. Morreu Aarão, e todo o povo de Israel o chorou por espaço de trinta dias.

Havendo ouvido o rei cananeu de Arad, que habitava ao Meio-dia, que os israelitas iam pelo mesmo caminho dos exploradores, saiu-lhes ao encontro com suas hostes, pelejou contra eles e ficou vencedor, tomando-lhes alguns prisioneiros. Mas, em vista disto, como os filhos de Israel se obrigassem com voto a destruir e arrasar as cidades daquele rei cananeu se o Senhor lhas entregasse, outorgou-lhes o Senhor suas súplicas, e os hebreus passaram a fio de espada o cananeu, destruindo suas cidades: pelo que deu àquele lugar o nome de Horma, isto é, anátema ou desolação total.

Aborrecido o povo com as fadigas e cansaço da viagem, voltaram às suas murmurações contra Moisés porque os trazia pelo deserto necessitados de pão e água, e só com o maná, que lhes provocava, diziam, náusea. Deus, para castigá-los, enviou uma multidão de serpentes que davam a morte aos israelitas com suas mordeduras ardentes como fogo. Em tal conflito acudiram a Moisés e lhe disseram: «Pecamos falando mal contra o Senhor e contra ti: roga-lhe que nos livre destas serpentes.» Moisés rogou por eles, e o Senhor lhe disse: «Faze uma serpente de bronze e põe-na na ponta de uma pica ou varal, e sarará de suas feridas qualquer que a olhar.» Fez Moisés o que Deus lhe havia mandado, e desaparecia o veneno ao momento em que os feridos voltavam seus

olhos moribundos à serpente de bronze fixa naquele lenho de saúde.

Esta serpente de bronze sem peçonha, posta no varal, figurou Jesus Cristo, posto numa cruz, a quem, olhando os feridos das serpentes dos pecados, pedindo-lhe perdão deles, saravam. «Porque o que a ela se voltava, diz o autor do livro da Sabedoria, não ficava são pelo que via, mas por ti, Salvador de todos.» Quem não vê nesta admirável figura Jesus Cristo pendente da cruz? Deus, que sabia que seu Filho curaria algum dia desde a cruz nossas chagas espirituais, queria preparar os homens para a fé deste grande mistério; e o próprio Jesus Cristo faz-se a aplicação da expressa imagem, dizendo: «Como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, assim é necessário que o Filho do homem seja elevado, para que todos os que creem nele não pereçam, mas tenham vida eterna.»

Rigorosos pareciam os castigos que Deus fazia nos hebreus, e tudo era necessário para quebrantar sua dureza e pertinácia, pois não só não havia emenda neles, antes com novos pecados provocavam a Deus para que de novo os castigasse. Assim foi que, temendo o rei de Madiã e Moab, chamado Balac, que os israelitas lhe haviam de tirar o reino, chegando já perto de suas fronteiras, primeiro quis livrar-se deste dano chamando o falso profeta Balaão para que maldissesse o povo de Israel. Aconteceu que, quando Balaão ia montado numa burra a executar sua comissão, atravessou-se no caminho o Anjo do Senhor com espada na mão, e a espantou de tal modo que se lançou ao chão debaixo do que a montava, o qual, enfurecido, a espancava cruelmente para que se levantasse. Dispôs então o Senhor que a burrinha falasse e dissesse a Balaão: «Que te fiz eu? Por que me bates?» Esta maravilha e a vista do Anjo, que de repente se lhe manifestou, fizeram-no desistir de seu projeto contra os hebreus: pediu humildemente que se lhe perdoasse sua culpa e prometeu voltar a seu domicílio. Mas o Anjo lhe respondeu que era a vontade de Deus que acabasse sua viagem, porque queria aproveitar-se desta ocasião para mostrar quão limitado era o poder dos homens contra seu povo escolhido; e assim, em lugar das maldições que haviam sido o motivo da viagem de Balaão, pronunciou as bênçãos que lhe ditou o Senhor, celebrando a grandeza do povo hebreu, profetizando suas vitórias e que dele, nos tempos vindouros, quando se visse no céu uma estrela nova, nasceria um Rei a quem haviam de reconhecer por seu soberano todos os povos da terra, conforme se verificou na estrela que guiou os Reis magos. Visto por Balac o mau êxito deste passo, aproveitou-se de um mau conselho dado pelo mesmo Balaão. Havendo entendido este mau Profeta que, se os israelitas estavam em graça de Deus, ninguém bastaria a resistir-lhes, mas que em sua desgraça qualquer os venceria, para pô-los mal com Deus aconselhou ao Rei, e este o pôs por obra, juntar de todo o seu reino o maior número de donzelas formosas que pudesse, as quais, bem aderençadas e com instrumentos músicos, fazendo danças e bailes, fossem apresentar-se diante do acampamento dos filhos de Israel; e que, se fossem deles cobiçadas e se oferecessem a casar-se com elas, consentissem, contanto que adorassem a Beelfegor, o ídolo que os de Moab adoravam. Muitos dos hebreus caíram no laço e vieram a idolatrar. E foi caso notável que, quando um dos filhos de Israel entrou, à vista de seus irmãos, na tenda de uma meretriz madianita, estando-o olhando Moisés e todos os filhos de Israel, um neto de Aarão, chamado Finéias, com grande zelo pela honra de Deus, visto o mau exemplo que aquele dava, tomou uma lança, entrou atrás do israelita no lugar onde os dois estavam e atravessou a ambos juntamente, enviando duas almas ao inferno. Este feito foi por Deus estimado em muito e foi parte para mitigar sua ira, atendido a que Moisés fez justiça dos que haviam idolatrado, enforcando os principais e matando os de menor nome, que foram entre todos

em número de vinte e quatro mil pessoas. Depois disto, também por mandato de Deus enviou Moisés gente de guerra às ordens de Finéias contra os de Madiã e, pelo escândalo que haviam feito no povo com suas donzelas, venceu-os, passando a fio de espada todos os varões, entre os quais foi morto o mau profeta Balaão, e apoderaram-se de suas mulheres e meninos e de todos os gados; a quem quis Moisés que também morressem, à exceção das donzelas e meninas. Cidades, aldeias e castelos, tudo o devorou o fogo.

Alguns meses depois da morte de Aarão fez Moisés, por ordem de Deus, o recenseamento do povo. Caleb e Josué eram os únicos que restavam de quantos saíram do Egito, cumpridos os vinte anos de idade, porque o Senhor havia dito que morreriam todos no deserto. Disse Deus em seguida a Moisés: «Sobe ao monte Nebo e desde o cume considera o país que darei aos filhos de Israel, e logo morrerás como teu irmão Aarão, porque ambos me ofendestes e não me glorificastes diante do povo.» Em vão suplicou Moisés ao Senhor que lhe permitisse passar o Jordão: o Senhor não o escutou: «Basta, disse-lhe; não me fales mais: sobe ao monte e estende a vista por todas as partes, porque não hás de passar o Jordão.»

Foi Moisés, diz Bossuet, exemplo dos severos zelos de Deus e do juízo que exerce com tão terrível exatidão naqueles que se acham obrigados por seus dons a uma mais perfeita fidelidade. Mas um mais alto mistério se nos mostra na exclusão de Moisés: este sábio legislador, que com tantas maravilhas não faz senão conduzir os filhos de Deus à vizinhança de sua terra, serve-nos ele mesmo de prova de que sua lei nada leva à perfeição; e que, sem poder dar-nos o cumprimento de suas promessas, no-las faz saudar de longe ou, quando muito, nos conduz à porta de sua herança. Um Josué, um Jesus (pois este era o verdadeiro nome de Josué) é quem deve introduzir o povo escolhido na Terra Santa. Assim Josué, por seu nome e por seu emprego, representava o Salvador do mundo.

Antes de subir Moisés ao monte em que devia morrer, reuniu todos os filhos de Israel e falou-lhes pela última vez: disse-lhes o contido no livro chamado Deuteronômio, em que está resumido o que Deus fez por seu povo e os preceitos de sua Lei; exortou-os a temer a Deus, a amá-lo e a guardar-lhe uma fidelidade inviolável: prometeu-lhes toda espécie de bens se o serviam e anunciou-lhes as mais espantosas desgraças se o abandonavam. Compôs em seguida, por ordem do Senhor, o admirável cântico que começa: *Ó céus, escutai minha voz; ouça a terra as palavras de minha boca.* (Dt 32,1.)

Depois de haver abençoado Moisés as tribos de Israel, subiu ao cume do monte: notável foi o sentimento e pranto de todos os hebreus, assim grandes como pequenos: todos se moveram a segui-lo, mas ele com a mão fez sinal que ficassem. O Senhor, desde o cume, fê-lo ver a terra de Canaã e lhe disse: «Eis aqui o país que prometi a Abraão, a Isaac e a Jacó; viste-o, mas não entrarás nele.» Morreu, pois, Moisés neste lugar, em terra de Moab, por mandato do Senhor, isto é, não por efeito de alguma enfermidade, mas somente pela vontade de Deus, pelos anos de 2553 da criação do mundo, o quadragésimo da saída do Egito, dia primeiro do mês undécimo, e 1447 antes do Messias; e seu corpo foi sepultado por ministério de Anjos num vale da mesma terra de Moab, e nenhum homem até hoje soube seu sepulcro. Era Moisés, quando morreu, de cento e vinte anos, e assinala a Escritura que não se lhe ofuscou a vista nem os dentes se lhe moveram. Conclui o Deuteronômio dizendo que não se viu jamais em Israel outro profeta semelhante a ele, com quem

conversasse o Senhor face a face, nem que fizesse todos aqueles milagres e portentos que obrou em utilidade e proveito de seu povo contra os egípcios.

Moisés, ao morrer, deixou aos israelitas toda a sua história desde a origem do mundo, dividida em cinco livros, chamada pelos hebreus *Torá*, que significa lei, e pelos gregos *Pentateuco*, que é o mesmo que volume de cinco livros, e são, segundo os chamaram os Setenta Intérpretes, o Gênesis, o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio. E, porque no fim do Deuteronômio se põe a morte de Moisés, há quem suponha que foi acrescentado por Josué ou por Esdras; mas Josefo diz que também o escreveu Moisés e que, para tirar ocasião aos hebreus de que não o tivessem por Deus, escreveu as circunstâncias de sua morte, que pôde conhecer por particular revelação. Crê-se que escreveu igualmente o livro de Jó: a sublimidade dos pensamentos e a majestade do estilo fazem esta história digna de Moisés.

A seus filhos deixou-os entre seus concidadãos sem distinção alguma e sem nenhum estabelecimento extraordinário, provando assim seu admirável desinteresse e a pureza de sua virtude.

Na Escritura faz-se menção de Moisés tantas vezes que seria prolixo referi-las todas. Só convém notar que três Evangelistas referem que, quando Jesus Cristo, Senhor nosso, se transfigurou no monte Tabor, apareceram a seus lados Moisés e Elias, os quais familiarmente tratavam com ele. E não foi pequena a honra que deu Jesus Cristo a Moisés em eleger a ele entre todos os Patriarcas e Profetas da Lei antiga, para que fosse testemunha de sua glória.

A Igreja católica lê de Moisés nas lições do domingo quarto da Quaresma.

João Driedon diz que o primeiro escritor, não só entre fiéis, mas também entre étnicos, foi Moisés, e precedeu por duzentos anos a Cadmo, a Homero e a Hesíodo, que foram os primeiros escritores gregos. O calendário hebreu põe sua morte em 7 de fevereiro; mas o grego, o mesmo que o romano, e o de Usuardo e outros, põem-na em 4 de setembro.

Santa Rosália de Palermo, Virgem

Entre os muitos portentos com que a graça de Deus manifestou aos homens quanta é a atividade e força que lhes comunica para renunciar às delícias do mundo e seguir aquela estreita senda que conduz à vida eterna, não é o menor a vida de Santa Rosália: seus feitos, ao passo que fazem admirar uma sublime virtude, confundem os apaixonados deste mundo. É impossível ler a valorosa determinação desta santa Virgem e as asperezas de sua vida eremítica sem que se apodere do coração uma admiração santa de seus rigores e, ao mesmo tempo, um ardente desejo de imitá-la no possível. Ainda que a Santa procurou esconder aos olhos do mundo todas as suas ações, Deus quis favorecer a piedosa indústria dos homens sábios, que à custa de penosas diligências chegaram a rastrear os passos desta santa Virgem, cuja vida é como segue: Nasceu Santa Rosália no princípio do século XII em Palermo, cidade da Sicília, de nobilíssima linhagem. Seu pai se chamou Sinibaldo, descendente de Carlos Magno por meio de vários reis da Itália que contava por

seus ascendentes. E entre os parentes mais próximos da Santa contava-se Rogério, primeiro rei da Sicília, cuja filha Constança se casou com o imperador Henrique VI. O real e generoso de sua estirpe proporcionou-lhe uma criação igual às grandezas e delícias do régio palácio. Há quem diga que, sendo jovem, foi dama da rainha Margarida, filha de D. Garcia, rei de Navarra, e casada com Guilherme, filho de Rogério. A santa Donzela vivia cercada de todos os resplendores do trono e de todas as pompas e delícias da corte. Quanto podem dar de si as riquezas para cativar o coração de uma jovem, proporcionando-lhe regalos, adornos e diversões, outro tanto tinha Rosália. Nada lhe faltava para poder conceber no mundo as mais altas esperanças de um estabelecimento vantajoso. A natureza lhe havia comunicado francamente todos os seus encantos, e, já se olhasse seu nascimento e conexões, já as qualidades de sua pessoa, tudo lhe oferecia as esperanças mais lisonjeiras. Mas prevenida Rosália muito de antemão pelas sábias iluminações da Graça, conhecia muito bem quão desprezíveis eram todos os bens deste mundo e que não deviam servir a um coração generoso senão para desprezá-los por Jesus Cristo. A perturbação da corte, as delícias dos poderosos, as pretensões da ambição e todo o conjunto de delícias que se apresentam no grande mundo àqueles olhos que ainda não tiveram a desgraça de ser ofuscados com suas negras sombras horrorizavam o inocente coração da santa Donzela. Pensou, pois, em fugir da confusa Babilônia da corte e buscar num deserto um lugar e asilo para a inocência de sua alma. Este pensamento, não obstante ser arriscado, achou em seu coração todo o apoio necessário que podia dar-lhe a prudência; porque, havendo-o consultado repetidas vezes com Deus na oração, achou que era mais uma inspiração do espírito divino, que queria levá-la por um caminho maravilhoso, que pensamento próprio.

Pensava a Santa, resolvida já a pôr em execução seu projeto, que lugar seria o mais a propósito para a perfeição de sua obra, pois não ignorava que devia ser muito escondido aos olhos dos homens para produzir nela tal segurança que dissipasse a mais ligeira nota de temerária. Deus, que foi o autor de seu primeiro pensamento, o foi também da escolha do sítio, pois, segundo se crê, não sem prováveis fundamentos, chegou sua dignação a enviar à Santa dois Anjos que a conduzissem ao sítio que sua divina Providência lhe tinha destinado. Treze léguas distante de Palermo havia um monte tão fragoso e tão espesso que estava impenetrável até às feras mais silvestres. Chama-se este monte o monte de Quisquina, que uns querem que pertencesse aos Estados do pai da Santa, pretendendo outros que a rainha Constança o deu graciosamente a Rosália, para que pudesse nele realizar seus santos desejos. No mais horroroso da montanha havia uma gruta de tão difícil entrada que apenas cabia por ela um corpo humano. A natureza parece que havia querido formar, com a descomposição das penhas, a estreiteza e as trevas, uma mansão de horror tão espantosa que nem as mesmas feras se haviam atrevido a fazer nela sua morada. Logo que Rosália chegou à porta da caverna, que era uma boca estreitíssima, introduziu-se nela, não sem grande dificuldade e, havendo penetrado seus escuros e tortuosos seios, convenceu-se de que o sítio era o mais oportuno para a execução de suas intenções. Saudou-o como o amado tálamo que lhe havia preparado seu Esposo celestial para viver ali com ele em união santa e indissolúvel, gozando das delícias do espírito e apartada inteiramente da vista dos mortais. Nesta horrorosa mansão vivia Rosália, exercitando-se continuamente em fervorosa contemplação, que era o único alimento com que seu espírito se recreava. Não tinha mais leito que o que lhe dava uma dura pedra situada no mais interior da caverna, a qual estava isenta da penosa incomodidade da chuva, que por todo o resto da gruta destilavam as pedras. Seu alimento não podia ser outro que ervas e raízes silvestres, pois não se sabe que pessoa humana houvesse jamais penetrado

aquele escondido lugar. Mas aquele Deus que veste os lírios do campo de um modo superior ao que desfrutava Salomão em sua maior glória e que provê abundante alimento às mais desprezíveis avezinhas não deixaria perecer de fome uma Virgem que por seu amor havia empreendido uma vida tão austera. Do que dão a entender as pinturas antiquíssimas desta gloriosa Santa, deduz-se que Deus a regalava como a uma amada esposa sua. Enviava-lhe frequentemente seus mesmos Anjos que a consolassem e regalassem, com cujas visitas celestiais se confortava seu espírito e se confirmava cada dia mais no santo propósito com que havia começado. Nada havia no mundo que chamasse sua atenção e que pudesse intimidar o valor e fortaleza da santa Virgem. Contente com um santo crucifixo e um rosário para rezar, que havia levado consigo, desprezava os grandes Estados do mundo e a vaidade de suas delícias e grandezas aparentes. O comum inimigo não podia sofrer um teor de vida tão austera e rigorosa, que seria insuportável até para o mais rígido anacoreta de quantos habitaram a Tebaida. Valeu-se de todos os meios que lhe ditou sua infernal astúcia para amedrontar Rosália e fazê-la abandonar seu santo propósito. Umas vezes movia contra ela as feras que habitavam naquelas fragosidades e fazia que a perseguissem em ademã de despedaçá-la com suas unhas e dentes para saciar sua voracidade; outras vezes lhe apareciam os espíritos infernais nas figuras e atitudes mais espantosas para atemorizá-la e fazê-la desamparar aquele sítio; mas o espírito da Santa, que tinha mais firmeza que as entranhas das mesmas pedras que habitava, acolhia-se à sua gruta, tomava nas mãos seu Esposo crucificado e, na contemplação de sua paixão sangrenta e de seus soberanos mistérios, achava a tranquilidade e o repouso que o comum inimigo em vão havia pretendido turbar.

Não se pode duvidar de que Rosália se acharia contente neste sítio, por tão proporcionado para a vida rigorosa e exercícios de penitência que praticava; mas a que por inspiração de Deus e ministério dos Anjos havia escolhido aquela caverna determinou deixá-la, segundo se crê, pelo mesmo motivo. Não puderam averiguar as humanas investigações a causa que pôde ter esta santa Virgem para abandonar a horrorosa caverna de Quisquina; mas o certo é que a deixou. Contudo, por uma inscrição que deixou gravada numa dura pedra que estava à entrada da gruta, conhece-se o amor com que a santa Jovem olhou aquela solidão, e muito mais a superior causa que a isso a havia movido. A inscrição que se achou, coberta de uma crosta dura que haviam formado as águas com o decurso do tempo, dizia assim: *Eu, Rosália, filha de Sinibaldo, senhor de Quisquina e Rosas, determinei habitar nesta gruta por amor de meu senhor Jesus Cristo.* Resolvida a santa Virgem a deixar sua primeira morada, saiu dela para voltar a Palermo, não à casa de seus pais nem a desfrutar as comodidades e regalos do palácio, mas a outro monte muito mais áspero e fragoso que o primeiro, chamado Peregrino. Duas milhas distante da referida cidade, pela parte do Norte, levanta-se uma montanha, cujas raízes banha o mar Tirreno pela parte do Norte e do Oriente. Para o Meio-dia e Ocidente a rodeiam colinas amenas e frescos prados, que fazem deliciosa sua vista; mas, internando-se em sua subida, é tal o enlace de quebrados penhascos e a espessura de árvores silvestres que infunde medo e detém os passos ao mais animoso. Logo que se sobe um estreito, como de dois mil passos, antes de chegar ao cume do monte, encontra-se uma caverna espantosa de cem palmos de comprimento. Formam-na uma multidão de rochas travadas umas com outras, as quais formam um teto sumamente desigual pelas pontas das pedras que sobressaem e medroso pelas roturas e côncavos que oferecem à vista. A entrada, no tempo de Santa Rosália, era tão angosta que por espaço de dez palmos era necessário introduzir primeiramente um braço e a cabeça e forcejar arrastando para verificar com sumo trabalho a introdução do resto do corpo. Era esta caverna tão horrorosa por sua configuração, por suas

trevas, pela água e lodo de que estava cheia, pela fragosidade que a rodeava e, finalmente, pela estreiteza e angostura da entrada, que era mais a propósito para sepultar-se em vida que para habitar nela. As próprias feras a haviam sempre desdenhado como a uma mansão que serviria antes para tirar-lhes a vida que para dar asilo à sua ferocidade. Guiada Rosália do espírito divino e, segundo se persuadem alguns piedosos, de algum Anjo do céu, chegou a este sítio horroroso e, introduzindo-se por sua estreitíssima e prolongada boca, penetrou numa anchurosa concavidade subterrânea. Era esta, como fica dito, espantosa por suas trevas e incômoda pelas muitas águas que as pedras destilavam; mas, havendo encontrado num retirado seio um côncavo enxuto, da extensão e medida de um corpo humano, ficou muito contente por ter achado quanto seus desejos podiam anelar. Ali determinou passar o resto de sua vida, em companhia do santo Crucifixo que havia trazido consigo, empregada na contemplação de seu amado Esposo.

É de crer que o teor de sua vida seria o mesmo que na primeira gruta; e ainda que não se sabe de certo a distribuição de horas e os exercícios determinados em que empregava sua vida angélica, todas as suposições que queira fazer a piedade serão bem inferiores às operações reais da Santa e ficarão bem justificadas com seu admirável fervor. Uma donzela de sangue real, criada entre as opulências da corte, que havia tido valor para desprezar tudo por Jesus Cristo e determinar-se a viver no tenebroso encerro daquela horrorosa caverna, não há dúvida que teria fortaleza para exercitar em seu corpo todos os rigores de penitência que inventaram os anacoretas mais fervorosos. Ainda que se diga que eram contínuas suas vigílias, extremados seus jejuns, ásperas suas mortificações e altíssima sua contemplação, nada vai aventurar-se, porque o sítio em que podia tomar algum descanso era de viva pedra, tão estreito que se ajustava ao corpo como se fosse uma camisa; e, por conseguinte, mais próprio para estar em contínua vigília que para conciliar o sono mais ligeiro. A possibilidade de ter à mão outros alimentos que ervas e raízes era muito remota, e isto mesmo persuade sua prodigiosa abstinência. O habitar em lugar tenebroso, dormindo sobre o duro chão e sofrendo todas as inclemências da natureza, é um rigor superior aos cilícios e à disciplina. Por último, a que por amor de Jesus Cristo vivia submergida entre tantos horrores é preciso que alimentasse sua alma com a consideração contínua dos trabalhos e tormentos que o Filho do eterno Pai havia padecido pelos homens e com a doce esperança de chegar a gozar algum dia daquela imensidade de delícias que com sua morte lhes havia merecido.

Neste estado vivia esta santa anacoreta à maneira de uma pomba que havia feito seu ninho nas quebraduras das pedras, transportada toda nas graças e celestiais consolações de seu Esposo. O comum inimigo, invejoso de tanto fervor e da honra que dele resultava ao Criador, molestava-a com sugestões contínuas, nas quais se lhe representavam as delícias e comodidades que poderia desfrutar vivendo entre os homens. Não omitiria o tentador astuto propor à sua imaginação os deleites do matrimônio, os encantos do mundo e a autoridade, o consolo dos filhos e a glória que poderia conseguir sobre outras matronas pelas prendas de que a havia dotado a natureza e as riquezas que a fortuna derramou com pródiga mão em seus progenitores. Mas a Santa vencia gloriosamente todos estes ardis e perigosas sugestões, umas vezes por meio da oração e outras pelos rigores e asperezas com que afligia seu inocente corpo. É de crer que o céu celebraria suas vitórias e que os espíritos angélicos lhe cantariam hinos triunfais que a enchessem de consolação e a animassem a novas batalhas. Se é lícito conjeturar das imagens antigas que ficaram desta Santa, deduz-se que umas vezes gozava da presença dos espíritos celestiais e que outras a mesma Mãe de Deus baixava com seu Filho nos braços a fazer-lhe doçíssima companhia. As mesmas pinturas

representam que a santa anacoreta se entretinha em colher flores dos prados vizinhos à sua gruta e, tecendo delas graciosas grinaldas, coroava com elas seu esposo Jesus Cristo; e, em recompensa, representam a mesma Santa coroada de flores por mão de seu Esposo. É verdade que estas pinturas podem ser alegóricas e representar-se nelas as sublimes virtudes de Santa Rosália e as copiosas graças que, em prêmio delas, recebia continuamente da divina misericórdia. Como quer que seja, sempre oferecem umas deliciosas imagens em que pode deleitar-se a piedade cristã e muitos motivos para acender-se no desejo de imitar o fervor de sua penitente vida.

Uma vida tão santa e cheia de admiráveis exemplos não podia deixar de terminar-se com uma santa e apacível morte. Ignoram-se as pontuais circunstâncias desta; e os que a pretenderam inferir do modo como seu corpo se achou colocado ao tempo de sua invenção dizem que não morreu de enfermidade, mas de amor a seu esposo Jesus Cristo. Que, pressentindo a Santa que se aproximava o fim de ir gozar das eternas delícias, acomodou seu corpo virginal com a maior honestidade e decência no estreito côncavo onde costumava repousar; e, tomando na mão esquerda o santo Crucifixo e apoiando na direita a cabeça, absorta e transportada em doçíssima contemplação, entregou sua ditosa alma nas mãos de seu Criador. Mas é mais verossímil que a Santa tivesse algum comércio e trato espiritual com algum virtuoso sacerdote que consolasse seu espírito e lhe administrasse os santos sacramentos da Penitência, Eucaristia e Extrema-Unção. Ignora-se o ano e o dia de sua morte, ainda que de tempo imemorial se celebrou a 4 de setembro. Crê-se que foi sepultada por ministério dos Anjos, cuja piedosa opinião é consequente à de haver morrido sem ser vista de pessoa humana. Seu santo cadáver esteve oculto por espaço de cerca de quatrocentos e sessenta anos, reservado pela divina Providência para servir de muro às desgraças e misérias de sua pátria no tempo em que mais necessitava esta de sua proteção. Uma tradição antiga ensinava aos palermitanos que naqueles montes vizinhos se ocultava tão precioso tesouro. Esta tradição havia excitado a piedosa curiosidade a buscar o santo cadáver; mas todas as suas diligências foram sem fruto. Quis Deus finalmente que no ano de 1624 a cidade de Palermo tivesse este celestial consolo, quando maior era sua necessidade pelas misérias que então a afligiam. Uma nau carregada de cativos redimidos na África e de algumas mercadorias trouxe a Palermo uma peste tão contagiosa que em pouco tempo ia assolando a cidade. Tomaram-se todas as precauções e medidas que em tais circunstâncias dita a prudência. Separaram-se os empestados em hospitais e em casas estabelecidas fora da povoação. Compraram-se pelo governo todos os efeitos que havia trazido a nau, impondo pena capital ao que reservasse algum, e, juntos todos os que se puderam haver, queimaram-se no campo. O piedoso arcebispo João Doria não deixou meio que lhe sugerisse a piedade que não pusesse em prática. Repartiu abundantes esmolas, estabeleceu jejuns públicos e ordenou que em todas as igrejas se expusesse o santíssimo Sacramento. A isto seguiram-se procissões públicas de rogativa, em que iam sacerdotes e seculares em hábito de penitência. Numa destas procissões sucedeu que, indo quatro cantores em diversos coros dizendo as ladainhas dos Santos, a um mesmo tempo, movidos de divino impulso, invocaram Santa Rosália. Este fato encheu de admiração e de alvoroço todo o povo, que, com lágrimas nos olhos, repetiu o nome da Santa implorando sua intercessão. Os prodígios sucederam-se multiplicadamente, porque no dia seguinte se verificou a invenção de seu sagrado cadáver e imediatamente começou a mitigar-se a peste que tinha consternada toda a Sicília. Daí em diante dedicaram-se-lhe igrejas magníficas, e até as mesmas grutas do monte Quisquina e Peregrino se viram adornadas suntuosamente com altares de mármore e preciosas estátuas, que acreditam a um mesmo tempo

a piedade dos palermitanos e sua magnificência. Mas onde se verificou isto foi no altar e preciosa arca que se colocou no principal lugar da igreja metropolitana, onde descansam suas preciosas relíquias, favorecendo Deus continuamente a cidade de Palermo com tão continuadas maravilhas que, se se quisessem referir os milagres aprovados com testemunhas, seria necessário formar uma história muito prolixa. As repetidas experiências que disto mesmo tem havido em todo o mundo cristão têm sido causa de que não somente na Sicília, mas também na Espanha, se celebre sua festividade com aquela solenidade que merece a fama de suas virtudes.

Santa Rosa de Viterbo

Admirável Deus em seus Santos, quis fazer ostentação do poder de sua graça em Rosa, um dos mais brilhantes ornamentos da Ordem Terceira de São Francisco e uma das mais célebres Santas dos últimos séculos de nossa era. Nasceu esta primorosa criatura, segundo o mais regulado cálculo pelas atas de sua vida e morte, pelos anos de 1232, em Viterbo, cidade da Itália, capital do patrimônio de São Pedro. Deixou-se ver no mundo com tão belas disposições para a virtude que, sem exagero, pode dizer-se que foi sempre virtuosa. Dedicaram-se seus pais a dar-lhe uma educação cristã; mas, a pouco tempo, conheceram que era outro o mestre que formava interiormente a perfeição de suas nobilíssimas ideias. Com efeito, seu candor, sua inocência, sua apacibilidade, sua modéstia, sua distração total dos pueris entretenimentos, sem que houvesse menina que menos o parecesse, a antecipação do uso da razão aos regulares termos, sua devoção sobre os anos, sua virtude sobre a natureza, sua compaixão assombrosa, em idade pouco sensível, das misérias alheias, privando-se até do preciso alimento por socorrer os pobres, fizeram-na objeto da admiração de todos os vizinhos e parentes, que, observando estes prognósticos nada equívocos de sua santidade futura, perguntavam-se mutuamente, como em outro tempo os das montanhas da Judeia no nascimento do Batista: Quem pensas que será esta menina, pois a mão de Deus está com ela?

Mais se confirmaram em seu conceito quando viram os prodígios que fez em sua infância em virtude das particulares graças com que desde logo quis Deus recomendar seu mérito. Aos três anos ressuscitou sua avó defunta; pouco depois reintegrou a seu ser um cântaro feito em miúdos pedaços que levava uma menina de sua idade para trazer água de uma fonte; a uma mulher que lhe negou o furto de uma galinha, fez que lhe saíssem as plumas no rosto; e, porque seu pai quis inspecionar numa ocasião o alimento que conduzia aos pobres, converteu-se o pão em umas rosas formosíssimas.

Já se deixa discorrer os progressos que faria na virtude uma alma tão privilegiada, que parecia haver nascido com um ardente amor a Jesus Cristo e com uma singular ternissíma devoção à santíssima Virgem, segundo se fazia sensível em todas as suas ações, pelas quais demonstrava seus cordiais afetos. Correspondida pelo Filho e pela Mãe com muito particulares favores, acenderam seu fervor de sorte que a fizeram correr, se não voar, pelo caminho da perfeição. Aos sete anos elegeu um lugar no mais retirado de sua casa, onde, ambiciosa de consagrar-se toda ao Esposo eterno, nutriu e alimentou os mais admiráveis exercícios de sua devoção e piedade com o rigor de suas secretas, mas muito severas penitências. Ali, posta em oração horas inteiras,

contemplava as grandezas de Deus e seus mistérios; por cujo espiritual comércio aprendeu as indústrias de que se valia para mortificar-se, ocultando-as a seus domésticos. E, juntando sua inocência angélica com os rigores em que puderam exercitar-se os mais severos anacoretas, brilhava como formosa rosa entre os espinhos de suas asperezas. Daí resultou aquele admirável desprezo que fez de todos os bens e vaidades do século, estimando, à imitação do Apóstolo, por lixo as grandezas humanas, contanto que lograsse Jesus Cristo.

Em sua infância caiu numa enfermidade mortal à força do rigor de suas penitências; e, quando seus pais esperavam o funesto golpe de que expirasse de momento em momento, desmentiu a sentença dos médicos, recobrando a saúde milagrosamente, havendo-a visitado Maria santíssima acompanhada dos coros de virgens. Ordenou-lhe sua Majestade que era do agrado de seu Filho santíssimo que vestisse o hábito de terceira de São Francisco, para que acreditasse com suas obras o caráter daquela Ordem seráfica; fê-lo Rosa imediatamente e desempenhou o encargo com as mais assombrosas penitências. A pouco tempo apareceu-lhe Jesus Cristo crucificado; e foi tão veemente a dor que concebeu a Santa à vista daquele lastimoso espetáculo que se manteve inconsolável por alguns dias, procurando com mais atividade desde então imitar o Senhor nas amarguras pelo caminho da cruz. Ficou-lhe tão impressa no peito aquela lastimosa imagem que as contínuas lágrimas que vertiam seus olhos, lembrando-se da paixão de seu Amado, eram indícios nada equívocos de que em seu coração ardia aquele divino amor que veio o Salvador acender no mundo; cuja violência a fazia muitas vezes sair de si e, correndo pelas ruas e praças da cidade, desafogava o vulcão que abrasava seu peito, cantando louvores divinos com sonoros concertos.

No tempo de Rosa afligiam a Igreja muitos inimigos sustentados pelo imperador Frederico, chamado vulgarmente Barba-Ruiva; e, como Deus a tinha destinada para que fosse o açoite de todos eles, mal chegou aos doze anos, iluminada com ciência infusa, rebateu e confundiu os hereges com os mais fortes e sutis argumentos: não restando dúvida a quantos foram testemunhas daqueles portentosos convencimentos que falava por sua boca o Espírito Santo. Procuraram os sectários dar-lhe morte, valendo-se de não poucos artifícios por temor do povo; mas, desprezando Rosa, sustentada da divina graça, com um valor excessivo a seus anos e com uma fortaleza superior à fragilidade de seu sexo, os terrores e as ameaças, continuava publicamente seus sempre vitoriosos combates, manifestando estar disposta a perder a vida pela defesa da fé católica.

Envergonhados os hereges de ver-se vencidos e confundidos por uma menina, valendo-se da proteção de um príncipe como Frederico, adicto a proteger suas ideias, lograram do governador de Viterbo que a desterrasse da cidade, a pretexto de que comovia o povo. Os pais de Rosa suplicaram àquele tirano que suspendesse a execução de seu decreto, atendendo ao perigo a que se expunham, caminhando no rigor daquela estação, que era da mais copiosa neve e crudelíssimos gelos. Mas, como o intento daquele ímpio, açulado pelos hereges, não era outro que acabar com a inocente Virgem, desatendendo os humildes rogos, mandou que saíssem ao momento sob pena de vida.

Rosa saiu da cidade com seus pais em cumprimento da injusta providência e, caminhando pelas montanhas de Viterbo, exposta a perecer muitas vezes, chegou a Salerno: ali profetizou aos Católicos que, dentro de breve tempo, Deus lhes favoreceria com prósperos sucessos; cujo

vaticínio se cumpriu à letra com a morte do imperador Frederico. Por falecimento deste Príncipe, inimigo da Igreja, voltou a Santa a Viterbo, onde foi recebida com geral aplauso de todos os cidadãos, vendo vir a seu centro a consoladora dos tristes, a socorredora dos pobres, a diretora das almas, a flor da inocência, a Rosa mais acesa em caridade, o vaso de eleição do céu e o exemplar mais completo de toda perfeição. Consolou e confortou os Católicos e fez aquele prodígio estupendo de lançar-se com generosa intrepidez a uma fogueira acesa para converter uma mulher protérvia, que dela exigiu algum extraordinário milagre para convencer-se de que a religião de Jesus Cristo era a verdadeira, saindo de entre as chamas sem a mínima lesão, nem ainda em suas vestes. Solicitou entrar no mosteiro das Rosas da Ordem de Santa Clara de Viterbo; mas, não admitida a pretexto de estar completo o número de religiosas, profetizou-lhes que, se não em vida, a admitiriam depois de morta, como se verificou pontualmente. Frustrado seu intento, continuou no retiro de sua casa com seus acostumados exercícios, redobrando suas assombrosas penitências, jejuns, cilícios, disciplinas e outras mortificações, em termos que, à vista de semelhantes rigores numa saúde tão debilitada como a sua, todos se persuadiram de que vivia de milagre, correndo assim em breve tempo o que em muitos anos os heróis mais adiantados na carreira da perfeição. Mas, desejando a cada instante e a cada momento, abrasada em divinos incêndios, dissolver-se para unir-se com Cristo eternamente, ouvidas suas reiteradas súplicas dirigidas a este efeito, tirou-a Deus da peregrinação deste desterro, levando-a à pátria celestial, pela qual suspirava continuamente, no dia 6 de março, pelos anos de 1252, aos dezoito de sua idade.

Os de Viterbo, inconsoláveis por sua perda, deram por então sepultura a seu venerável cadáver na igreja de Santa Maria do Pódio; mas, a poucos meses, achando-se naquela capital o papa Alexandre IV, admoestado da Santa por três vezes sobre que era vontade de Deus que trasladasse seu corpo ao mosteiro de Santa Clara, fê-lo Sua Santidade pessoalmente com triunfal magnificência; cumprindo-se então o vaticínio de Rosa, quando não a quiseram admitir naquele convento. O afeto e devoção que concebeu desde então este Pontífice à Santa, venerada por tal desde seu falecimento, fê-lo dizer às religiosas que, se não tivesse precisão de passar a Roma, a canonizaria naquela cidade com as formalidades correspondentes. Não tiveram este gozo os de Viterbo pela morte de Alexandre, nem o de outros Pontífices que lhe sucederam, gravemente ocupados com as urgências que ocorreram à Santa Sé. Renovaram suas súplicas a Bonifácio IV, que se sentou na cátedra de São Pedro no ano de 1431; e, ainda que este Papa favoreceu o exame jurídico dos méritos e milagres de Rosa, não completou os desejos de Viterbo. Mas, retomada a causa com novo ardor pelos anos de 1455 e 56, no pontificado de Calisto III, havendo deposto no processo informativo duzentas e sessenta e quatro testemunhas sobre a multidão de milagres que em vida e em morte obrou o Senhor pela intercessão de sua fidelíssima serva, não o menor entre eles a incorruptibilidade de seu corpo depois de tantos anos e sua milagrosa conservação do inopinado incêndio que reduziu a cinzas o lugar de seu depósito e quanto se achava nele; em vista de tão grande número de portentos e do justificado heroísmo de suas virtudes, mandou escrevê-la no catálogo dos Santos o mesmo papa Calisto III.

Santa Cândida, Viúva

Neste dia o Martirológio Romano faz comemoração de Santa Cândida, da qual nos dizem os escritores que, quando o apóstolo São Pedro se conduzia a Roma, depois de haver fundado a igreja de Antioquia, parou a descansar perto das muralhas de Nápoles, fatigado da peregrinação, a cujo tempo Cândida saiu da cidade. Perguntando-lhe o Apóstolo pelo estado, pelos costumes e pela religião daquele povo, e conhecendo pela relação daquela mulher anciã que eram idólatras, começou a ensinar-lhe as verdades infalíveis de nossa santa Religião, manifestando-lhe os milagres e prodígios de Jesus Cristo, de que havia sido testemunha. Tocada Cândida com os auxílios da divina graça, ofereceu a São Pedro que abraçaria a religião que pregava, contanto que em nome de seu Autor lhe curasse as dores de cabeça habituais que padecia. Fê-lo o Santo imediatamente e, agradecida do benefício, creu em Jesus Cristo e foi batizada pelo Príncipe dos Apóstolos. Com a experiência daquele prodígio rogou a São Pedro que se dignasse dispensar igual graça a certo amigo seu, chamado Áspren, homem benigno, piedoso, sóbrio e modesto, que se achava muitos anos enfermo, prometendo-lhe que, se sarasse, seria um forte defensor da religião que pregava. Ordenou-lhe o Santo que fosse e, tomando a mão de Áspren, lhe dissesse: *Pedro, discípulo de Jesus Cristo crucificado, manda que, desvanecido o acidente, fiques são no instante.* Executou Cândida a ordem do Apóstolo e, no momento, recuperou o enfermo a saúde apetecida; creu em Jesus Cristo e recebeu o Batismo da mão de São Pedro. Instruída Cândida por tal mestre, passou o resto de seus dias em recomendáveis obras e consumou sua carreira em idade muito avançada. Seu corpo foi sepultado no domicílio onde se crê provavelmente que o Príncipe dos Apóstolos celebrou os divinos mistérios, erigido depois em templo, em cujo átrio se costuma todos os anos, depois das vésperas da Santa, benzer água com suas relíquias, a qual serve para curar muitos enfermos, especialmente os que padecem febres.

Na vida de Santo Emério, abade de Bañolas, no principado da Catalunha, faz-se menção de outra Santa Cândida, mãe deste santo Abade, chamada em vulgar catalão Santa Candia.

Santa Ida, Viúva

O pai desta Santa foi um conde muito favorito de Carlos Magno. Este deu a Ida por esposa a outro favorito seu, chamado Egberto, e a dotou com muitos Estados. Este matrimônio foi feliz; mas, havendo morrido Egberto muito jovem, a santa viúva distribuiu as rendas no alívio dos pobres e, ainda que em meio ao mundo, excedia em práticas penitenciais os mais austeros dos claustros. O fim de sua vida foi uma penosa enfermidade, durante a qual nunca prorrompeu numa só queixa. Havendo, pois, resplandecido como uma luz brilhante na nascente Igreja germânica, passou ao eterno descanso em odor de santidade no princípio do século IX.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Rosália, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster, ut sicut de beatæ Rosaliæ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu, et ejus intercessione ab iracundiæ tuæ flagellis misericorditer liberemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi-nos, ó Deus, Salvador nosso, para que, assim como nos alegramos na festividade de vossa virgem Santa Rosália de Palermo, do mesmo modo sejamos instruídos no afeto de uma piedosa devoção e, por sua intercessão, livres dos flagelos de vossa ira. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios (veja-se o dia 3).

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Reflexões

Não é aprovado o que se recomenda a si mesmo, mas aquele a quem Deus recomenda. Nenhuma coisa acredita mais o limitado entendimento de um homem, e seu muito mais limitado mérito, que o louvar-se a si mesmo: vaidade tão grosseira que faz sumamente desprezível o que pretende dar-se a estimar por ela. A verdadeira virtude e o verdadeiro mérito aborrecem os louvores: não se apascenta de fumaça nem de lisonjas forasteiras; alimenta-se, por assim dizer, de seu próprio suco.

É a vaidade uma paixão muito néscia: a todos se faz odiosa; mas nunca enfada mais que quando se disfarça com máscara de piedade e procura domesticar-se com a devoção. O orgulho mais delicado e mais sutil sabe talvez cobrir-se com os andrajos da humildade; arremeda o ar e o tom desta virtude, vale-se e sustenta-se de seus privilégios. Nenhum vício faz representar tantos papéis: não há virtude que deva fiar-se dele, e quase não há outro de quem menos se desconfie. A quem só tem a casca da virtude, esta lhe parece insípida; o orgulho é o sal que a tempera.

Dedica-se alguém com gosto à virtude enquanto tira dela algum proveito; por mais que se diga que só se busca a glória de Deus, nunca perdemos de vista a nossa. Aquelas obras de caridade que nos dão mais estima, por penosas que sejam, essas se nos fazem as mais fáceis; ao menos essas somente são as que sempre se julgam indispensáveis. Enquanto a virtude é aplaudida, nada se faz dificultoso em seu exercício; toda a dificuldade está naquelas virtudes que se praticam às escuras e em segredo. Coisa estranha! Aqueles mesmos que escrevem melhor contra a vaidade nem sempre são os que estão mais brigados com ela. Não poucas vezes o orgulho peleja contra o orgulho; comunica-se este veneno até a seu mesmo antídoto; talvez no mesmo exercício da humildade se esconde a mais fina presunção.

Diz-se que nada se faz nem se pretende fazer por ostentação; mas, ao mesmo tempo, não desgosta que se veja a boa obra que se faz. Quer-se ocultar (ao menos assim se diz) o pouco bom que se faz; mas facilmente se perdoa aos que o publicam: a ação fatiga, mas lisonjeia; especialmente quando os muitos que nos buscam acreditam nisto mesmo sua confiança e a estima que fazem de nós. Sente-se não sei que secreta complacência de parecer homem necessário. Será Deus o único objeto, o puro motivo de tantas fadigas? Na verdade parece que se lhe dá a propriedade, mas se reserva o usufruto. Acompanha o orgulho até a vitória do orgulho mesmo; de tudo se mantém, de tudo se sustenta; até a mesma humildade lhe serve de alimento. Fala-se de si mesmo com desprezo; mas, bem entendido, que as mesmas expressões de abatimento que se usam devem reputar-se por outro novo mérito: por isso não se olha com bons olhos os que creem nossa humilde confissão sem muita dificuldade. A falsa modéstia é refinamento mais subido da vaidade, a qual quer crescer até por meio da mesma virtude que lhe é mais contrária. Numa palavra, desejam os homens ser tidos por humildes, mas sem sê-lo. Aqueles que verdadeiramente o são afligem-se de que os tenham por tais. *Qui gloriatur, in Domino glorietur.* O que se gloria, glorie-se no Senhor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis

> erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Sobre o desprezo das coisas pequenas

Primeiro ponto

Considera que apenas há erro mais pernicioso e, com tudo isso, apenas há outro mais comum que temer pouco as faltas pequenas e fazer pouco apreço das obrigações miúdas. A delicadeza de consciência neste particular costuma reputar-se por certo vão temor de uma alma pusilânime; e a escrupulosa pontualidade em coisas pequenas tem-se por prova de uma capacidade muito limitada. Diz-se que um entendimento desembaraçado perde de vista estas miudezas e que a verdadeira virtude nunca depende de um cúmulo de miúdas observâncias que envilecem o ânimo, fazem tedioso e até grosseiro o comércio da vida e, longe de fomentar a devoção, a descarnam e a

dessecam. Sobre este falso princípio dá-se gosto em tudo ao amor-próprio, condescende-se com as paixões, lisonjeia-se os sentidos e foge-se de toda servidão. Esperam as virgens ao Esposo, mas descuidam-se em prover suas lâmpadas, porque não pensam que há de vir tão cedo. Depois de tudo, não parece muito grave este descuido; mas, bom Deus, que consequências não se seguiram dele! Não quis nem sequer vê-las o Esposo celestial. Diz-se que não é coisa de importância uma faltinha, uma regra de pouca monta, uma ligeira inspiração; que não pode importar muito o desprezá-la. Mas, quê! Pode haver coisa pequena nas que se referem a um Deus tão grande, e quando se trata não menos que de agradá-lo ou desagradá-lo? Desagradar um pouco a Deus, será pouco a respeito de nós? Não há coisa pequena em tudo o que pode contribuir a um negócio tão grande como o de nossa salvação ou nossa perfeição. Não há coisa pequena em tudo o que nos pode fazer ganhar ou perder um grau de glória eterna. Não é pequena coisa ser constantemente fiel nas coisas mais pequenas. É prova de grande amor querer dar gosto em tudo à pessoa que se ama e fugir de desagradá-la na mais mínima coisa. Não querer dar gosto a Deus senão nas matérias graves, contentar-se com guardar seus mandamentos, é prova de que se o teme muito, mas também de que se o ama pouco. Teme-se o inferno com um temor servil quando só se pensa em guardar os mandamentos e em todo o mais não se repara em desgostar a Deus a sangue frio. Mas, se não houvesse inferno, guardariam os mandamentos estes servos infiéis e covardes? Meu Deus, e quantos se encontrarão destes que só vos temiam com um temor servil, quando, tirada a máscara e o disfarce, se apresentem em vosso tribunal!

Segundo ponto

Considera que se enganam enormemente todos aqueles que pensam que guardarão tudo o que é essencial para a salvação, ainda que façam pouco caso de outras miudezas: *O que é infiel nas coisas pequenas também o será nas grandes*, diz o oráculo da verdade, o mesmo Jesus Cristo. Tu dizes que, ainda que sejas pouco observante e pouco exato, não faltarás ao essencial: Jesus Cristo diz o contrário. Uma fluxão, por ligeira que seja, se é contínua debilita a vista. Quando habitualmente se cometem muitas faltas ligeiras, é de temer que se passe sem reparo por cima de muitas graves. Os mais furiosos incêndios muitas vezes têm princípio numa faísca, numa centelha que se desprezou e não se apagou. Ao mais robusto edifício, diz o Sábio, lança por terra uma goteira se não se remedia a tempo: vai a água pouco a pouco apodrecendo as madeiras, comunica-se às paredes, penetra até os alicerces, amolece-os, solapa-os, remove-os e dá em terra o edifício.

Saul, estreitado, ao que parece, pela necessidade, não espera que chegue Samuel para oferecer o sacrifício: falta na aparência ligeira e que, nas circunstâncias, parecia muito escusável; contudo, mudou o coração de Deus a respeito de Saul e foi o princípio de sua reprovação. Que consequências tão funestas teve uma curiosidade inconsiderada de Davi! Os furtinhos e a pouca fidelidade de Judas em interesses de não muita importância foram fomentando sua avareza, até que por fim veio a vender seu Mestre e a enforcar-se ele mesmo, confuso e desesperado. Minha falta, dizes, foi numa frioleira: por isso mesmo te custava menos ser fiel: por isso mesmo és mais culpado em não havê-lo sido. A dificuldade das coisas que se nos mandam pode servir de pretexto à nossa fraqueza; mas, quando são fáceis, que escusa podemos alegar? Ainda que o Profeta (diziam os criados a seu amo Naamã) vos houvesse ordenado uma coisa muito árdua, deveríeis pô-

la em execução por amor à vossa saúde; mas, sendo tão fácil a que vos prescreveu, como banhar-vos sete vezes no Jordão, não seria grande imprudência omiti-la? Certamente, depois de tanto como Jesus Cristo fez e padeceu por nós, ainda que nos mandasse as coisas maiores e mais dificultosas, poderíamos negar-nos a executá-las sem incorrer na mais torpe ingratidão? Com tudo isso, o mais do que nos manda é sumamente fácil e de tão pouca consideração em si mesmo que não nos atreveríamos a negá-lo a um amigo, a um parente, a um estranho, a um homem de autoridade; e, contudo, falta pouco para que façamos vaidade de não concedê-lo a Jesus Cristo.

Ah, Senhor! E como se representará na hora da morte a um cristão, a um religioso esta negligência habitual! Que responderei eu, divino Mestre meu, quando me derdes em rosto com minha ingratidão, com meu descuido, com minha pouca fidelidade nas coisas pequenas, quando todos os dias as espero e as recebo tão grandes de vossa misericórdia? Fazei, Senhor, que esta minha presente confusão me sirva para ser de agora em diante mais fiel, mais exato e mais agradecido.

Jaculatórias

Desejei, Senhor, agradar-vos com todo o meu coração: não permitais que me separe jamais de vossa divina vontade nem na mais mínima coisa. (Sl 118.)

Abri-me, Senhor, os olhos para conhecer tudo aquilo que vos agrade, e com toda a alma me dedicarei a dar-vos gosto até na menor de todas as minhas obrigações. (Ibid.)

Propósitos

1. Nenhuma coisa prejudica tanto a salvação da alma como o descuido em coisas pequenas: deste princípio nascem as mais funestas quedas, e nesta infidelidade tem sua origem a tibieza: mal tanto mais temível quanto for menos temido. Não é coisa (costuma-se dizer), não é coisa uma falta tão ligeira; algum dia se saberá de quanta consequência foi essa falta. No máximo, parecia uma ligeireza, um pouco de curiosidade voltar a cabeça para ver como se abrasava uma cidade com fogo do céu: pois essa curiosidade custou a vida à mulher de Lot, castigada de um modo tão estranho quanto visível. Desprezar as coisas pequenas é estar desagradando a Deus continuamente e desobedecendo-lhe a todas as horas nas matérias mais fáceis: é negar-lhe o que sem dificuldade se concederia a um amigo ou a qualquer homem de alguma distinção: é, falando em rigor, ser-lhe infiel todos os dias e todo o dia. Pois examina agora quais são aquelas leves obrigações de teu estado que desatendes com maior frequência: quais as regras que mais costumas quebrantar, com pretexto de que não obrigam a pecado e que são regras de pouca consideração. Lembra-te de que não há coisa pequena quando se trata de servir a Deus: tudo é respeitável, tudo é grande, quando sua Majestade o manda: sua vontade dá um sumo valor, uma suma estimação a tudo. Forma sempre um superior conceito de todas as miudezas, de todos os exercícios espirituais, de todas as regras, de todos os costumes e estilos santos da Religião.

2. Se tens já determinado certo método de vida; se teu diretor te regulou certos exercícios espirituais, certas penitências, certas devoções, guarda-te bem de faltar voluntariamente a elas: em nenhuma te dispenses sem justo motivo, com pretexto de parecer-te miudeza. Exata modéstia dos olhos na igreja; constante apacibilidade dentro de casa; pontualidade inalterável em levantar-te pela manhã à mesma hora; escrupulosa delicadeza de consciência em evitar até a mais mínima mentira oficiosa; nem uma palavra que altere a caridade; exatidão no jejum, sem sustentá-lo com muletas escusadas. Se tu mesmo te impuseste algumas regras para teu governo, sê exato em observá-las, sê rígido em castigar-te sua transgressão, e nada te deixes passar neste ponto. Estas miudezas espirituais fomentam a devoção e contribuem maravilhosamente para fazer Santos.

[^1]: Este cruel edito publicou-se sem dúvida depois de haver nascido Aarão. E é crível que se revogou pouco depois de sua publicação, pois de outro modo, ao sair do Egito, não poderia achar-se o prodigioso número de povo de todas as idades que nos refere o texto sagrado; ou que os mesmos egípcios, horrorizados da crueldade do dito edito, fizeram pouco uso dele. (Menochio.) [^2]: Pelo que diz Santo Estêvão desta ação de Moisés (At 7,24-25), parece que obrou justamente e com autoridade legítima, tirando-lhe a vida, visto que o Senhor já o havia eleito para que fosse o libertador de seu povo. Veja-se Santo Agostinho, *In Exod. Quæst.* 2. (Pe. Scio.) [^3]: Sendo descendente de Madiã, filho de Abraão por Cetura, crê-se verossimilmente que era sacerdote do verdadeiro Deus. Nicolau de Lira diz que *sacerdote*, neste lugar, se toma por homem principal. Alguns autores antigos são de sentir que era também rei daquela terra. (Pe. Scio.) [^4]: Não se rendeu por isto Moisés, mas em tom de súplica significou-lhe que ele não era o caso para aquela missão. Os Padres geralmente entendem que Moisés pediu aqui ao Senhor que enviasse logo o Messias, que na Escritura se significa frequentemente com o nome de enviado ou de embaixador de Deus. (Pe. Scio.) [^5]: Por esta ira do Senhor sentem alguns intérpretes que faltou Moisés, ainda que levemente, em mostrar tanta resistência às ordens do Senhor. Mas os Padres geralmente o escusam e exaltam sua prudência e sua humildade, e explicam esta ira do Senhor dizendo que a Escritura fala aqui acomodando-se à condição dos homens e ao que comumente sucede entre eles. (Pe. Scio.) [^6]: Os hebreus começavam o ano civil no outono e o ano sagrado, segundo o qual arrumavam as festas, na primavera, no mês que chamam Nisã ou Abib, que começa e conclui com a lua de março. [^7]: Crê-se que ao mesmo tempo foram derribados por terra todos os ídolos dos egípcios, e São Jerônimo acrescenta que todos os templos foram destruídos ou com terremotos ou com raios e fogo do céu; o que se confirma com um testemunho do livro dos Números, que diz, falando desta saída, que se vingou Deus dos ídolos dos egípcios. [^8]: Não se deve confundir este divino e milagroso maná, nem em seu sabor nem em sua virtude, com o que cai na Arábia em certas estações do ano, nem com o que se recolhe de várias árvores na mesma Arábia e em outras muitas regiões. O maná ordinário não cai nem se colhe senão em certas estações do ano: o do deserto caía e se recolhia todos os dias, à exceção dos sábados. (Pe. Scio.) [^9]: Não se deve confundir esta tentação, que sucedeu o primeiro ano de sua saída do Egito, com outra igual com que irritaram de novo o Senhor no ano quarenta de sua saída, no deserto de Sin. [^10]: Os dez preceitos, ou seja, o Decálogo, não o recebeu o povo imediatamente de Moisés, mas de Deus por ministério de um Anjo que representava sua pessoa, para significar que a lei da natureza, que se compreende no Decálogo, foi impressa por Deus no coração dos homens. (Pe. Scio.) [^11]: Por um Anjo, por ordem de Deus, ou pelo Espírito Santo, que é chamado o dedo de Deus. (Pe. Scio.) [^12]: Como se dissesse a Deus: ou perdoai-lhes este pecado, ou riscai-me a mim do número daqueles a quem honrais com vossa amizade. Eu bem sei que não quereis riscar-me deste número; e assim espero que não me negareis o perdão que vos peço para o povo. (Pe. Scio.) [^13]: No

Deuteronômio (2,29) diz-se que os idumeus deram passagem livre por suas terras aos israelitas para entrar por elas nas terras de Canaã, o que se deve entender dos idumeus ocidentais, que confinavam com os moabitas; porque estes de quem aqui se diz que se negaram a isso são os orientais, que estavam bastante imediatos a Cades.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:11 by Admin